



**GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA**

**COLEGIADO DE HISTÓRIA - DCH4 - UNEB/C4/DCH/HISTORIA**

**ATA DE DEFESA PÚBLICA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

Aos dezesseis dias do mês de dezembro de dois mil e vinte cinco, às dezenove horas e quinze minutos, na sala 7 do Campus IV da UNEB, foi realizada a defesa do trabalho de conclusão de curso da discente Samila Barbosa da Silva, do curso de Licenciatura em História do Departamento de Ciências Humanas – Campus IV, situado à rua J.J. Seabra, cento e cinquenta e oito, nesta cidade de Jacobina, reuniram – se as Docentes Profa. Dra. Joelma Ferreira dos Santos (Orientadora), Profa. Dra. Mariza do Carmo Rodrigues (examinadora) e Profa. Dra. Polliana Moreno dos Santos (examinadora), para compor a Banca de Defesa Pública da discente Samila Barbosa da Silva, tendo como título do Trabalho de Conclusão de Curso “Catálogo de entrevistas: história, trabalho e sobrevivência na região sisaleira do povoado de Icó, Morro do Chapéu-BA”. Após a apresentação e as observações dos membros da banca avaliadora, ficou definido que o trabalho foi considerado APROVADO, com nota 8,0 (oito). Nada mais havendo a tratar, a sessão foi encerrada às 20 horas e cinquenta minutos, e eu, Joelma Ferreira dos Santos (Professora - Orientadora), lavrei a presente ata que segue assinada por mim e pelos demais membros da Banca Examinadora. Observações: a banca recomenda que a discente acate as sugestões dadas em relação à ampliação do recorte temporal e à ordem das entrevistas. Recomenda, ainda, a revisão textual e adequação às normas da ABNT para depósito final.

---

(Orientadora)

---

(Examinadora)

---

(Examinadora)



Documento assinado eletronicamente por **Joelma Ferreira dos Santos, Professor**, em 16/12/2025, às 21:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 13º, Incisos I e II, do [Decreto nº 15.805, de 30 de dezembro de 2014](#).



Documento assinado eletronicamente por **Mariza do Carmo Rodrigues, Professor**, em 17/12/2025, às 12:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 13º, Incisos I e II, do [Decreto nº 15.805, de 30 de dezembro de 2014](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Polliana Moreno dos Santos, Professor**, em 18/12/2025, às 11:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 13º, Incisos I e II, do [Decreto nº 15.805, de 30 de dezembro de 2014](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://seibahia.ba.gov.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://seibahia.ba.gov.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **00129810644** e o código CRC **AB4A4659**.

---



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV  
COLEGIADO DE HISTÓRIA

SAMILA BARBOSA DA SILVA

**CATÁLOGO DE ENTREVISTAS: HISTÓRIA, TRABALHO E SOBREVIVÊNCIA  
NA REGIÃO SISALEIRA DO POVOADO DE ICÓ, MORRO DO CHAPÉU-BA**

JACOBINA-BA

2025

SAMILA BARBOSA DA SILVA

**CATÁLOGO DE ENTREVISTAS: HISTÓRIA, TRABALHO E SOBREVIVÊNCIA  
NA REGIÃO SISALEIRA DO POVOADO DE ICÓ, MORRO DO CHAPÉU-BA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Departamento de Ciências Humanas - Campus IV da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em História.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Joelma Ferreira dos Santos.

JACOBINA-BA

2025

A você, Luiz, que não entende o que é uma graduação, mas entende tudo sobre amor. Obrigada pela companhia durante todos esses anos. Vou lembrar de você por toda a vida, e aos poucos ressignificar tua partida.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha mãe, Lucielma, que sempre esteve ao meu lado e me deu suporte em toda essa jornada. Te amo, mãe. Esta graduação é para você.

Ao meu irmão, Adriel, te amo e espero que o seu futuro seja brilhante e cheio de conquistas.

À minha amiga e irmã do coração, Jennifer Lee, que sempre me levantou quando achei que não seria mais possível continuar.

A Thata, que tornou os momentos difíceis mais leves com suas piadas duvidosas, mas sempre cheias de carinho.

A Fernanda, pelo apoio constante nesses quatro anos de UNEB. Sem você, aquele lugar teria sido solitário demais.

A Raquel, pela paciência e por me escutar reclamar sobre tantas coisas. Sou grata por ter te conhecido.

Ao Belo, obrigada por estar sempre presente, mesmo com a distância.

A Joelma, minha orientadora.

Aos meus entrevistados e entrevistadas, pela generosidade em compartilhar suas histórias, sem as quais este trabalho não seria possível. Suas vozes e experiências permanecerão eternizadas nestas páginas.

Ao amor da minha vida, que não me deixou desistir e me deu todo suporte nessa reta final. Te amo, Caíque.

A todos, o meu mais sincero agradecimento.

## RESUMO

Este trabalho apresenta um catálogo de entrevistas sobre as relações de trabalho no povoado de Icó, município de Morro do Chapéu-BA. O objetivo principal foi compreender o porquê de as condições de trabalho continuarem inalteradas há mais de trinta anos. A pesquisa utiliza como metodologia a História Oral, visando coletar e organizar, em formato de catálogo, os relatos de experiência dos trabalhadores sisaleiros dessa localidade. Foram realizadas nove entrevistas com trabalhadores e trabalhadoras sisaleiras, com idades diversas. Todas as entrevistas ocorreram na residência dos entrevistados, realizadas a partir de um questionário com perguntas voltadas para a atividade sisaleira. As entrevistas estarão disponíveis como parte integrante deste trabalho, no repositório institucional da UNEB.

**Palavras-chave:** Sisal; condições de trabalho; Icó; História Oral; Morro do Chapéu.

## **ABSTRACT**

This work presents a catalog of interviews about labor relations in the village of Icó, municipality of Morro do Chapéu-BA. The main objective was to understand why working conditions have remained unchanged for more than thirty years. The research uses Oral History as its methodology, aiming to collect and organize, in catalog format, the experience accounts of sisal workers in this locality. Nine interviews were conducted with sisal workers of various ages. All interviews took place in the interviewees' homes, based on a questionnaire with questions focused on sisal production. The interviews will be available, as an integral part of this work, in the institutional repository of UNEB.

**Keywords:** Sisal; working conditions; Icó; Oral History; Morro do Chapéu.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Mapa da localização do povoado de Icó - Morro do Chapéu-BA. ....	8
Figura 2: Mapa de distribuição da produção de Sisal no Brasil .....	10
Figura 3: Tabela que filtra os valores relativos à Várzea Nova no mapa da Distribuição de Sisal no Brasil .....	10
Figura 4: Máquina desfibradora Paraibana em operação .....	12

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	8
REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	14
REFERENCIAL TEÓRICO.....	16
METODOLOGIA .....	18
ENTREVISTAS.....	21
Entrevista 1 .....	21
Entrevista 2 .....	62
Entrevista 3 .....	36
Entrevista 4 .....	41
Entrevista 5 .....	52
Entrevista 6 .....	24
Entrevista 7 .....	57
Entrevista 8 .....	46
Entrevista 9 .....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
REFERÊNCIAS.....	68



O sisal, originário da planta *Agave Sisalana*<sup>2</sup>, começou a ser cultivado de forma organizada no Brasil, especialmente na Bahia, aproximadamente em 1910. Após algumas décadas, a planta ganhou popularidade, impulsionada pela demanda por fibras naturais. O plantio da *Agave Sisalana* e seu aproveitamento econômico criaram uma cadeia produtiva de Sisal para exportação. Sobre o sisal na Bahia, Cibele Alves (2023) afirma que a expressão “ouro verde do sertão” é utilizada para definir o período de apogeu da lavoura sisaleira, que ocorreu nas décadas de 1960 e 1970, quando havia uma grande demanda pela fibra.

Segundo dados da *FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION of the United Nations* - FAO (2012), disponíveis e interpretado no portal da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - Embrapa-, o Brasil é o maior produtor mundial de sisal e a exportação dessa fibra chegou a representar, para o país, receitas superiores a 100 milhões de dólares no ano de 2015. O portal também disponibiliza dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2024) que indicam que em 2024 a Bahia foi responsável por 94,5% da produção de fibra de sisal do Brasil, seguida pelos estados da Paraíba e Pernambuco.

Na Bahia, a produção de sisal concentra-se na região denominada “região sisaleira”. A maior parte da fibra de sisal é destinada para o mercado externo, seja na forma de fibra bruta, seja na forma manufaturada

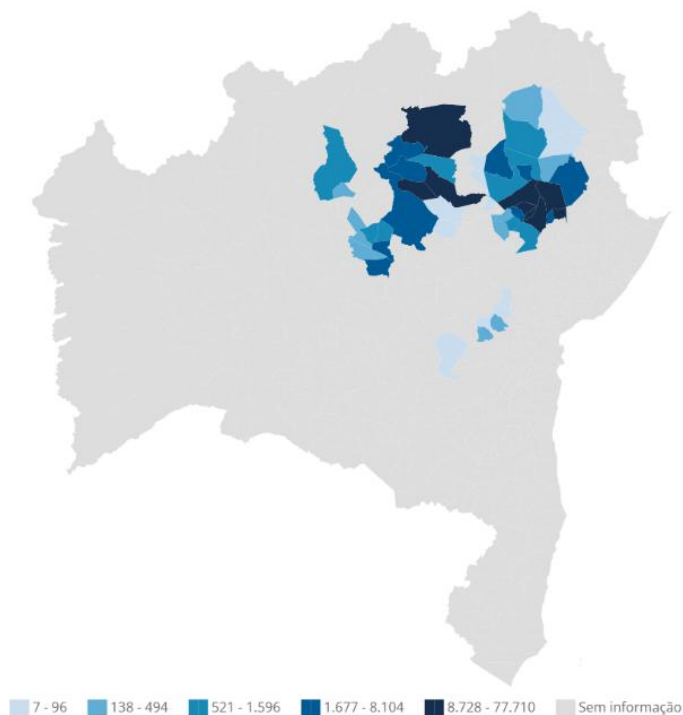
O portal do IBGE produziu um mapa com o valor da produção do sisal em cada uma dessas regiões e Várzea Nova tem participação significativa desta produção. A inserção do mapa tem como finalidade evidenciar a relação entre Icó e Várzea Nova no contexto de produção sisaleira. A presença da região no mapa justifica-se pelo fato de Icó desempenhar um papel relevante no transporte da produção de sisal destinada a Várzea Nova, estabelecendo, assim, uma conexão territorial e econômica entre esses dois locais.

---

<sup>2</sup> Conforme citado por Robson Santos e Weliton Brandão (s/d),” O sisal (*Agave Sisalana* Pierre) foi introduzido na Bahia, mais especificamente, no município de Santaluz, localizado na região sisaleira, aproximadamente em 1910. Porém, só passou a ser explorado comercialmente a partir do final da década de 1930. Sua adaptação às condições edafoclimáticas da região semiárida do Nordeste, onde as opções de cultivo são limitadas, confere ao sisal uma grande importância socioeconômica, gerando emprego (estima-se que, aproximadamente, 700 mil agricultores familiares cultivam o sisal em suas propriedades) e renda em uma das regiões possuidoras do IDH (0,589) mais baixo do Estado da Bahia. Ademais, uma série de postos de trabalho são gerados nas outras etapas da cadeia, geralmente nos centros urbanos.” Disponível em: [Sisal - Portal Embrapa](#). Acesso em: 02 dez. 2025.

Figura 2: Mapa de distribuição da produção de Sisal no Brasil

Mapa (29) - Sisal (fibra) - Valor da produção (Mil Reais)

**Fontes**

[PAM](#): Valor da produção, Quantidade produzida, Area colhida, Rendimento médio, Maior produtor

[Censo Agropecuário](#): Estabelecimentos, Número de pés

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE-(2024)

Figura 3: Tabela que filtra os valores relativos à Várzea Nova no mapa da Distribuição de Sisal no Brasil

localidade	valo	unidad
Várzea Nova - BA	31.099	Mil Reais

Fonte: Tabela derivada de arquivo .csv exportado do site do IBGE (2024-2025)

A planta de sisal, depois de retirada e cortada no motor, torna-se matéria prima para a fabricação de diversos materiais: barbantes, cordas, tapetes, sacos, bolsas, chapéus dentre outros, e pode ser utilizada na fabricação de pasta celulósica<sup>3</sup>. Além dessas aplicações, a fibra de sisal pode ser empregada na indústria automotiva, de móveis e eletrodomésticos.

<sup>3</sup> Segundo a FAO a pasta de celulose é uma matéria-prima fibrosa, geralmente derivada da madeira de árvores como o eucalipto e o pinheiro, que serve como base para a fabricação de papel, tecidos e outros biomateriais. A planta de sisal (*Agave Sisalana*) pode substituí-la como uma fonte alternativa de fibra vegetal, especialmente por meio do aproveitamento de seus resíduos. FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION of the United Nations (FAO). Sisal fibre: market opportunities in the pulp & paper industry / Sisal fibre: market opportunities in the pulp and paper industry. FAO, 2001. Disponível em: <https://www.fao.org/4/y1873e/y1873e09.htm>. Acesso em: 29 nov. 2025.

Além da produção de fibras, a cultura do sisal na região também tem importância social e cultural. Muitas famílias dependem da planta fibrosa para a sua subsistência e para a manutenção de tradições culturais locais. Em Várzea Nova, por exemplo, a festa de São João é uma grande manifestação cultural que tem no sisal um elemento importante para a sua realização, com ornamentos<sup>4</sup> e temática relativos ao seu uso. “Arraiá Fibra Forte”, como é chamado, reúne milhares de pessoas. Em 2023, reuniu mais de 25 mil visitantes de lugares diferentes da Bahia, para essa festa que celebra a cultura local<sup>5</sup>.

Em contraste com o valor cultural, os trabalhadores da região trabalham arduamente para se manter. Muitos deles arriscam suas vidas no processo de transformação da folha de sisal em fibra e se acidentam, o que resulta em problemas de vulnerabilidade que afetam o sustento de suas famílias. Em épocas em que não há chuva, muitos trabalhadores, principalmente aqueles que dependem apenas do sisal, enfrentam problemas de manutenção do seu sustento, o que tem como consequência a migração para outros estados. Essa problemática do trabalho também afeta crianças e adolescentes, que são inseridos nesse sistema para ajudar a compor a renda familiar, com possível efeito prejudicial ao seu desenvolvimento.

O processo produtivo do sisal é feito em duas etapas: a primeira é a fase rural, onde acontecem o corte das folhas e o desfibramento; a segunda é a fase urbana, responsável pelo beneficiamento, processo final e pela comercialização.

A tecnologia empregada na cultura é muito atrasada. O desfibramento é feito mediante o processo de raspagem das folhas. Esse processo é feito por uma máquina denominada Paraibana, um dos únicos equipamentos disponíveis no mercado a custos acessíveis e de fácil manutenção. Entretanto por sua falta de segurança acaba expondo o trabalhador a riscos de acidentes. É considerável o número de trabalhadores com mãos e braços mutilados no manejo da Paraibana na região. (Oliveira [s/d], p. 25)<sup>6</sup>.

No povoado de Icó, apenas a fase rural acontece. Não se sabe ao certo quantos donos de motor existem no povoado de Icó. O dono do motor é a pessoa responsável pela compra da máquina Paraibana. Ele é responsável por alugar um campo de sisal, que geralmente pertence

---

<sup>4</sup> A inflorescência também conhecida como flecha, chega a seis metros de altura e é tão resistente que tem valor para dar suporte às telhas na cobertura de casas. Nas festas de São João na cidade de Várzea Nova as flechas são usadas para montagem de barracas. Disponível em: [SciELO Brasil - Painel particulado de baixa densidade produzido com resíduos de sisal Painel particulado de baixa densidade produzido com resíduos de sisal](#). Acesso em 02 dez. 2025.

<sup>5</sup> Número de visitantes contabilizado pela Prefeitura Municipal de Várzea Nova e divulgada no portal de notícias, em seu *site*. Disponível em: <https://www.ba.gov.br/secti/noticia/2024-05/2116/multiplos-usos-do-sisal-sao-destaques-em-congresso-internacional>. Acesso em: 16 nov. 2025.

<sup>6</sup> A monografia intitulada *A agaveicultura em Várzea Nova: Desafios e oportunidades*, de Adailton Moraes de Oliveira, encontra-se na plataforma Scribd, porém, como não está disponível para *download*, não foi possível visualizar a data de publicação desse trabalho.

a outra pessoa, ou compra o sisal do dono do campo. Para realizar o trabalho, ele contrata de maneira informal, moradores da própria comunidade ou, muitas vezes, os familiares.

Figura 4: Máquina desfibradora Paraibana em operação



Fonte: Portal da EMPRAPA. Autor: Odilon Reny R. F. da Silva.

Os testemunhos, reunidos nas entrevistas que compõem este catálogo, exibem uma divisão de tarefas bastante clara no cotidiano desses trabalhadores. O *sevador* é quem opera a máquina e pesa a fibra, sempre com a ajuda do *resideiro*, encarregado de pegar as palhas de sisal levar para a banca – como é chamada a mesa onde ficam as folhas do sisal – para o sevador passar na máquina. O *cortador* é responsável por cortar as folhas do sisal, usando faca, facão ou foice. O carregador transporta as folhas com a ajuda de animais, como cavalos e jegues (jumentos), ou a pé. Já a *estendedeira* cuida de esticar as fibras nos arames para ajudar na secagem da fibra.

Essas entrevistas tornam perceptível, como o trabalho sisaleiro pode ser perigoso e mal remunerado, pois esses trabalhadores não recebem com base no salário-mínimo, não têm direito a férias, e a remuneração é semanal e em uma quantia insuficiente para suprir necessidades básicas. Tal dinâmica de trabalho retira desses trabalhadores o direito de receber dignamente pelo seu esforço e os limita, pois não têm garantia automática de proteção social, em caso de necessidade ou acidentes de trabalho.

A presente pesquisa tem como foco principal apresentar, por meio de um catálogo de entrevistas, as experiências dos trabalhadores sisaleiros de Icó, povoado de Morro do Chapéu-Bahia, por meio dessas entrevistas, procuramos compreender o processo de corte e produção das fibras detalhado pelos trabalhadores, e questionar os motivos pelos quais as condições de trabalho em Icó continuam inalteradas ao longo de mais de 30 anos. Aborda a História do Tempo Presente<sup>7</sup> e, nesse sentido, difere-se de outras abordagens pela relação direta do historiador com seu objeto de estudo.

O interesse pelo estudo do trabalho sisaleiro surgiu de uma motivação profundamente pessoal. Minha mãe foi trabalhadora do sisal, e, desde cedo, acompanhei de perto a dureza dessa atividade. Somam-se a isso minha convivência no povoado de Icó e o contato constante com trabalhadores da comunidade, que expressavam suas indignações e o descontentamento com uma rotina pesada e uma remuneração desproporcional. Depoimentos de acidentes e risco de trabalho, como esses das entrevistas aqui apresentadas, foram muitas vezes ouvidos e absorvidos como parte da história local, na relação entre os trabalhadores e suas condições de trabalho.

O catálogo está organizado da entrevista mais recente à mais antiga, seguindo uma ordem cronológica inversa. Antes de cada gravação, foi elaborado um roteiro de perguntas. A escolha dos participantes considerou o tempo de trabalho de cada um, incluindo pessoas de diferentes faixas etárias, tanto aquelas que ainda trabalham e são provedoras de seus lares quanto as que já estão aposentadas. Não foi possível entrevistar os proprietários dos motores, uma vez que muitos se mostraram indisponíveis e apreensivos em participar.

Para preservar a identidade dos trabalhadores e trabalhadoras, foram utilizados pseudônimos. As entrevistas foram realizadas nas residências dos participantes, e o catálogo ficará disponível no repositório institucional da UNEB.

---

<sup>7</sup> Campo de estudo difundido por Agnès Chauveau e Philippe Tétart (1999).

## REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A precarização do trabalho sisaleiro tem sido discutida por alguns pesquisadores. Eliel Oliveira e Bismarque Pinto (2015) analisaram as condições de trabalho em Conceição do Coité e apontam que a organização do trabalho no campo sisaleiro é marcada pela informalidade e pela ausência de amparo trabalhista. Segundo os autores, a divisão do trabalho nos motores de sisal, entre cortadores, carregadores, estendedeiras, ocorre sem qualquer formalização contratual. A remuneração é variável, atrelada à produção e ao valor da fibra no mercado, o que torna a renda dos trabalhadores instável e insuficiente.

Esse modelo de produção expressa uma lógica de subordinação muito comum em meio a trabalhos precarizados. A presença do Estado, quando ocorre, é negligente: as fiscalizações são rasas, e as políticas de apoio ao pequeno produtor e à agricultura familiar são insuficientes para alterar a estrutura produtiva.

José Avelino (2020) reforça essa perspectiva ao diagnosticar que, na região sisaleira do Estado da Bahia, cerca de 80% dos trabalhadores rurais atuam sem registro em carteira. Esse índice reflete não apenas a fragilidade da aplicação das leis trabalhistas no campo, mas também a ausência de interesse do poder público, que garanta condições dignas de trabalho e renda. Ele também argumenta que essa informalidade é sustentada por um modelo econômico que prioriza a redução de custos e transfere os riscos da produção para o trabalhador. Assim, o sisal, chamado de “ouro verde do sertão” por Cibele Alves, representa tanto uma fonte de sustento quanto um símbolo de exploração e vulnerabilidade social.

Cibele Alves (2023) investigou sobre os trabalhadores rurais de Conceição do Coité-Bahia e mostrou que, embora o sisal tenha grande importância econômica, as condições de trabalho das pessoas que sustentam essa produção não recebem a atenção necessária. A autora cita que o trabalho precário afeta diretamente a dignidade e a vida cotidiana dos trabalhadores, determinando o que comem, vestem e onde vivem. Sua pesquisa também revela que mesmo diante da modernização da economia e do fortalecimento de legislações protetivas, o campo sisaleiro permanece regido por práticas informais e relações desiguais de poder.

No povoado de Icó, município do Morro do Chapéu, essas pesquisas encontram eco de uma realidade comum: a produção do sisal se mantém dependente das informalidades e da ausência de políticas de assistência previdenciária e trabalhista. A precarização não é apenas resultado da ausência de aplicação de regulamentação, mas de uma estrutura social, que naturaliza a exploração de trabalhadores rurais.

As análises de Edinusia Santos e Onildo Silva (2017); Eliel Oliveira e Bismarque Pinto (2015); José Avelino (2020); Fabiane Regino e Macedo Filho (2017); e Cibele Alves (2023) mostram que a exploração da força de trabalho e a ausência de garantias sociais não são fenômenos isolados, mas uma estrutura histórica de dominação no semiárido baiano. Ao mesmo tempo, apontam que há resistência nas formas de organização comunitária, nas associações de trabalhadores e, sobretudo, na presença ativa das mulheres, trabalhadoras rurais que reivindicam visibilidade e justiça.

Compreender as dinâmicas do trabalho sisaleiro é fundamental para pensar políticas públicas que ultrapassem essas barreiras estruturais, que sustentam essa cadeia produtiva. A permanência da precarização do trabalho no Povoado de Icó evidencia que o desenvolvimento rural só será possível quando o trabalho for reconhecido como dimensão essencial da cidadania.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A análise da transformação do trabalhador em mercadoria e da produção da alienação, conforme desenvolvida por Karl Marx nos *Manuscritos econômico-filosóficos* (2010), constitui um eixo fundamental para a compreensão das condições de trabalho abordadas neste estudo. Para Marx, tais processos não se apresentam como fenômenos isolados, mas como elementos constitutivos da economia política fundada na propriedade privada e na subordinação do trabalho ao capital. O trabalho, nesse contexto, não produz apenas bens materiais, mas reproduz a própria condição do trabalhador como mercadoria, submetido a uma lógica que o tira do controle sobre o produto, o processo e o sentido de sua atividade. O autor evidencia que, quanto mais o trabalhador produz, menos lhe pertence, aprofundando-se uma relação de estranhamento na qual o produto do trabalho se volta contra aquele que o criou. Essa formulação teórica permite compreender as narrativas dos trabalhadores sisaleiros presentes no catálogo de entrevistas, nas quais a baixa remuneração aparece associada à limitação da vida à satisfação de necessidades físicas essenciais, como alimentação, moradia e sobrevivência. Os entrevistados frequentemente desconhecem o destino da fibra por eles produzida, o que reforça o distanciamento entre o trabalhador e o resultado de seu próprio esforço.

Tal experiência evidencia que a alienação não se restringe à dimensão econômica, mas alcança também o plano simbólico e social, na medida em que o trabalho deixa de ser reconhecido como atividade humana criadora e passa a operar apenas como meio de subsistência. Assim, a realidade do trabalho sisaleiro revela a atualidade das categorias marxianas para a análise de formas persistentes de precarização, exploração e invisibilização do trabalho no contexto rural brasileiro. A partir das contribuições de Karl Marx, que evidenciam as bases estruturais da exploração e da alienação do trabalho, torna-se possível avançar para a análise de Florestan Fernandes em *Mudanças sociais no Brasil* (2013), cuja reflexão permite compreender como essas determinações se expressam historicamente na formação social brasileira, especialmente nas permanências, desigualdades e formas de organização do trabalho em contextos rurais.

Sobre a análise da formação brasileira, Florestan Fernandes (2013) alega que o processo de modernização nacional ocorreu sem a real democratização das relações sociais. Ele menciona, que o desenvolvimento econômico e industrial não rompeu as estruturas herdadas do período agrário e escravista, mantendo um padrão de dominação baseado na obediência e na hierarquia. O trabalho no Brasil consolidou-se sobre bases desiguais, perpetuando divisões raciais, regionais e de classe que ainda sustentam formas contemporâneas de exploração.

É nesse contexto, que a contribuição de Octavio Ianni se torna fundamental para entender a persistência da precarização do trabalho. Em *Escravidão e Racismo* (1978) o autor evidencia que mesmo após a abolição da escravidão, as relações sociais e de trabalho continuaram estruturadas pela lógica escravista. Nas áreas produtoras de sisal, essa herança se manifesta nas condições precárias às quais os trabalhadores continuam submetidos. As entrevistas realizadas com os trabalhadores do povoado de Icó, revelam que o vínculo com o sisal se reproduz de geração em geração, sem que ocorram mudanças significativas nas condições de vida. Cabe destacar que todos os entrevistados são socialmente lidos como pessoas negras, elemento que atravessa suas experiências de trabalho e contribui para a naturalização da precariedade vivenciada por esse grupo.

A precarização presente nas falas dos entrevistados não pode ser compreendida como um fenômeno recente ou isolado, mas como parte de um processo histórico de longa duração, marcado pela formação desigual da sociedade brasileira. Nesse sentido, a precariedade observada no trabalho sisaleiro ultrapassa a dimensão exclusivamente econômica ou de classe, configurando-se também como continuidade histórica da condição social atribuída à população negra no Brasil. A partir das contribuições de Ianni, torna-se possível compreender o trabalho sisaleiro como resultado de um passado escravista que, no presente, se articula às dinâmicas do sistema capitalista, revelando a permanência de desigualdades estruturais no mundo do trabalho.

## METODOLOGIA

A presente pesquisa adota a História Oral como abordagem metodológica, buscando reunir e organizar, por meio de um catálogo de entrevistas, os relatos de experiências de trabalhadores e trabalhadoras sisaleiros. A partir da construção dessa coletânea de depoimentos, o estudo registra as trajetórias desses sujeitos ao longo dos anos nos campos de sisal, ao mesmo tempo em que evidencia as condições de trabalho precarizadas que marcam essa forma de produção rural.

Fundamenta-se nas discussões apresentadas por Marieta Ferreira, Tania Fernandes e Verena Alberti (2000), que entendem a história oral como uma prática dialógica, complexa e que está fortemente vinculada às questões sociais, políticas e culturais de cada contexto. Essas reflexões ajudam a compreender tanto o processo de entrevista, quanto o papel da memória, da identidade e da experiência coletiva na produção de conhecimento histórico. As autoras enfatizam que a entrevista de história oral é um encontro marcado pela participação ativa de entrevistador e entrevistado. As perspectivas das autoras sustentam a escolha metodológica dessa pesquisa. As entrevistas aqui realizadas se tornam mais do que um registro de experiências passadas, mas um diálogo para compreender narrativas coletivas.

A metodologia utilizada nesse trabalho baseia-se na coleta de dados sobre as condições de trabalho nos campos de sisal do povoado de Icó, para compreender como os trabalhadores vivenciam e interpretam o seu cotidiano. A partir das contribuições de autores como Karl Marx, busca-se considerar as experiências individuais e coletivas como elementos que ajudam a revelar os significados atribuídos ao trabalho e as relações que estruturam esse contexto. Este trabalho, tem intenção de provocar questionamentos e reflexões sobre as condições de trabalho no campo, por meio da oralidade, sobretudo na região apontada. A história oral é utilizada como instrumento metodológico para compreender as experiências e trajetórias sociais dos trabalhadores.

Foram entrevistadas nove pessoas; três homens e seis mulheres de idades diversas, o critério usado para selecionar esses trabalhadores levou em consideração o tempo de trabalho, a variedade de tarefas desempenhadas e a disposição de cada um para colaborar com a pesquisa. A ideia foi reunir diferentes pontos de vista que permitissem ampliar a compreensão sobre o universo sisaleiro, valorizando memórias e a trajetória desses trabalhadores. Os proprietários dos motores não puderam ser incluídos, pois dois deles demonstraram indisponibilidade ou receio em participar. Essa ausência embora limite algumas informações, revela aspectos

sensíveis do campo sisaleiro e reforça a importância de abordagens cuidadosas em estudos que envolvam relações de trabalho marcadas por desigualdades.

As entrevistas foram captadas por um gravador de voz de celular e depois transcritas em um documento do word. Mantiveram-se as marcas da oralidade e as descrições conforme registradas nos áudios, a fim de preservar a fidelidade às falas dos entrevistados e respeitar suas formas de expressão e aspectos culturais. Para a realização das conversas, foi elaborado um roteiro com perguntas específicas sobre o trabalho no sisal, porém ao longo dessas conversas houve momentos de improviso em virtude das respostas desses entrevistados. Foi adotado uma linguagem informal para que essas pessoas se sentissem mais à vontade, não caberia nessas conversas um tom acadêmico, por isso há momentos de comunicação não formal. Antes da montagem do questionário, ocorreram conversas informais com alguns trabalhadores sisaleiros, incluindo uma adolescente, porém preservar a identidade dessa jovem a conversa não foi transcrita, ela informa que, no turno oposto ao das aulas na escola, trabalha em um campo de sisal.

Os diálogos aconteceram no povoado de Icó, município de Morro do Chapéu. Todos os entrevistados e entrevistadas autorizaram a gravação de suas vozes, concordando e validando verbalmente suas autorizações. Receberam-me em suas casas com muito acolhimento. Durante todo o processo, dispus do acompanhamento de minha mãe, pois ela quem conhecia e sabia onde cada um dos meus entrevistados moravam. No início de cada entrevista, deixei claro, que meu objetivo era apenas realizar uma pesquisa acadêmica para a Universidade, garantindo-lhes que não seriam expostos de forma prejudicial. Alguns participantes demonstraram medo de conceder entrevistas, pois há alguns meses a Polícia Federal havia fechado alguns campos de sisal sob a acusação de trabalho análogo à escravidão. Entre as exigências feitas pelos fiscais estava a construção de banheiros nos campos, algo que, embora necessário, mostra a difícil realidade também dos donos de motores, que enfrentam condições de vida semelhantes, ou até piores, que as de seus trabalhadores.

Para preservar a identidade dos entrevistados, foram criados pseudônimos, mesmo com a autorização para o uso de suas vozes nas gravações. Ao longo das entrevistas, foi possível perceber a alienação<sup>8</sup> dos/as trabalhadores/as em relação ao serviço realizado. Nenhum dos entrevistados compreende totalmente como funciona o processo de compra e venda do sisal, mas têm consciência de que seu esforço não condiz com o que ganham. Quando perguntados/as se notavam alguma melhoria ao longo dos anos, em que trabalham na atividade, todos

---

<sup>8</sup> Segundo Marx (2010), o trabalhador é separado de seu trabalho, fazendo com que esse indivíduo se torne estranho a si mesmo e ao que produz.

afirmaram que as condições permanecem as mesmas. A única mudança observada refere-se ao preço pago pelo quilo da fibra, que atualmente varia entre R\$ 3,80 (três reais e oitenta centavos) e R\$ 4,20 (quatro reais e vinte centavos). Esse valor sofre alterações de acordo com a oferta e a demanda do sisal.

As entrevistas estão organizadas conforme a idade dos entrevistados, do mais velho para o mais novo. Em diversos momentos, a linguagem adotada apresenta um caráter cotidiano, opção metodológica pensada para evitar que os participantes se sentissem intimidados, uma vez que alguns demonstraram insegurança quanto à sua capacidade de responder ao questionário. Em determinadas passagens, utiliza-se o pronome pessoal “tu”, por se tratar da forma de tratamento mais recorrente entre os entrevistados. Esse registro menos formal foi mantido como estratégia de aproximação, sobretudo com os participantes mais jovens, favorecendo a construção de um diálogo mais espontâneo.

## ENTREVISTAS

### Entrevista 1

**Entrevistado:** JUCA

**Data:** 2 de agosto de 2025 às 08:26 horas.

**Idade:** 77 anos

**Gênero:** Masculino

**Anos de serviço:** 50 anos

**Atividade:** Exercia a função de resideiro, atualmente é aposentado

**Local:** Residência do entrevistado

SAMILA: Então, eu vou fazer as perguntas e é importante eu gravar a voz do senhor, porque depois eu vou escrever no computador. Tudo bem?

JUCA: Hum [Acena com a cabeça]

SAMILA: É tranquilo para o senhor? Qual o seu nome?

JUCA: Juca.

SAMILA: O senhor tem quantos anos?

JUCA: Tenho 77.

SAMILA: 77 anos?

JUCA: Eu sou de 48.

SAMILA: O senhor frequentou a escola?

JUCA: Escola Dominical na Igreja que eu sou crente. Da Assembleia de Deus, é dia de domingo de manhã.

SAMILA: Ah, mas o senhor estudou? Eu estou falando se o senhor se formou...estudou?

JUCA: Estudei até...Não, não me formei não

SAMILA: Estudou até que série?

JUCA: Até a série primeira. Naquele tempo é você... Você não era nascido; eu tinha oito ano oito para dez anos, isso eu morava em Jacobina estudei até o primeiro ano.

SAMILA: O senhor gostaria de ter estudado mais?

JUCA: É, se eu tivesse me formado, mas eu não tinha condição, e nesse tempo pior.

SAMILA: O senhor trabalhou no sisal quanto tempo?

JUCA: Foi muitos anos! Eu trabalhei no sisal mais de 50 anos.

SAMILA: Em algum momento, o senhor pensou em trabalhar com outra coisa? Com outra profissão?

JUCA: Até que não. Não porque era bom. Logo, é um trabalho liberto e ninguém me manda. Você que procura fazer.

SAMILA: O senhor fazia o que no sisal?

JUCA: Eu cortava a palha ou então eu residava. Residar é botar a palha no puxador, puxar e jogar e tirar o bagaço e jogar na rua.

SAMILA: É... como era feita a divisão? Homem, mulher podia fazer a mesma coisa?

JUCA: Podia não, pode até hoje faz.

SAMILA: O senhor trabalhava quantas horas por semana? O senhor lembra?

JUCA: Ah, não, mais era a semana inteira

SAMILA: Na época, o valor que o senhor ganhava com sisal, era suficiente? O senhor conseguia se manter?

JUCA: Antigamente, a gente que trabalhava em sisal não ganhava nem o sustento direito, que não comia carne, só comia feijão quase puro, aquela coisa e mais do que pobre mais ainda era melhor do que né, no cabo da inchada.

SAMILA: O senhor já sofreu algum acidente quando trabalhava no Sisal?

JUCA: Acidente nenhum e graças a Deus!

SAMILA: O senhor costumava usar algum equipamento de segurança para não se cortar... para não se machucar?

JUCA: Não tem como. A gente se cortava.

SAMILA: Mas aí o senhor nunca teve um ferimento grave assim... que lhe impediu de trabalhar?

JUCA: Não, não, não.

SAMILA: O senhor... algum órgão do governo já veio fiscalizar aqui as condições de trabalho no sisal? Aqui no Icó?

JUCA: Aqui mesmo, não, não. Vejo dizer que o sisal a polícia está fiscalizando e quase parando.

SAMILA: Mas por quê? Por causa dos acidentes que está acontecendo?

JUCA: Não, nem sei lá o que é aquilo. Aquilo que eu acho tão importante o sisal porque o sisal... Ontem mesmo vi na tv Bahia um é o governo dos Estados Unidos aumentando, diminuindo o preço daquilo que vai das fruta e o cara amarrando o sisal, um fardo de sisal que lá eles recebe. Então, se é vendido lá, então aqui ele é que tem que ser liberto em questão em Várzea Nova

SAMILA: É... o senhor acha que o poder público poderia... sei lá, acha que o poder público poderia melhorar a vida de quem trabalha no sisal?

JUCA: Não. A vida de quem trabalha no sisal poder eles pode, mas ele não faz isso porque o sisal já é liberto. Para gente que é... trabalhamos nele. E é um serviço que você ganha aquilo que você faz. Quanto mais a gente trabalhar, melhor. Não perder hora, mas é melhor para a gente.

SAMILA: Existe alguma organização sindical aqui no Icó?

JUCA: Não.

SAMILA: O senhor acha que se existisse sindicato, poderia melhorar as condições de trabalho no caso, quando alguém se acidenta?

JUCA: Eu acho que não. Por que não, porque é... eu tenho um irmão e ele falta a mão esquerda, porque ele puxando... ele foi embora há quatro anos mora ali em Miguel Calmon, ele puxando e eu residando de noite e o motor, a máquina pegou a mão dele. Tudo isso acontece.

SAMILA: Mas aí ele teve ajuda?

JUCA: Ajuda do INSS.

SAMILA: Mas aí foi rápido? Para ele se aposentar e conseguir auxílio?

JUCA: Não, demorou muito não.

SAMILA: O senhor acha que houve melhoria no sisal nesses últimos 30 anos? O senhor pode dizer como era antes e como é hoje em dia?

JUCA: Hoje está bom, o preço é melhor, mas a mercadoria é melhor. Então, se a mercadoria é melhor pra se fazer, ela antigamente era bom pra fazer, hoje é mais difícil.

SAMILA: O senhor gostaria de compartilhar alguma experiência sobre o sisal que o senhor teve?

JUCA: Não entendi?

SAMILA: Se o senhor...queria compartilhar uma história sobre o sisal que o senhor já viveu? Não?

JUCA: Não.

SAMILA: Tá certo. Então é isso a entrevista. Obrigado.

JUCA: De nada!

## **Entrevista 2**

**Entrevistado:** Damião

**Data:** 19 de julho de 2025 às 11:24

**Idade:** 73 anos

**Gênero:** Masculino

**Anos de serviço:** 8 anos

**Atividade:** Exercia a função de puxador/ sevedor, atualmente está aposentado.

**Local:** Residência do entrevistado.

SAMILA: O senhor concorda com a gravação né, da entrevista? Posso Gravar sua voz? Tudo certo? Porque eu tenho que transcrever de novo pra um documento, vou ter que ouvir e escrever, aí eu tenho que gravar por isso, entendeu?

DAMIÃO: Sim.

SAMILA: Qual o nome do senhor?

DAMIÃO: Damião.

SAMILA: O senhor tem quantos anos?

DAMIÃO: Eu tenho 73 anos

SAMILA: O senhor estudou até que série?

DAMIÃO: Nenhuma [risadas ao fundo].

SAMILA: Não conseguiu ir pra escola?

DAMIÃO: Não. Que a gente não pode mentir, sabe por quê? Se a gente for contar muito caso vai contar muita história. Os pai antigamente era mais ignorante que os próprio filhos. Eu mesmo chorava pra estudar, meu pai o que ele dizia pra mim é que a escola minha era a inchada na roça e nisso eu me criei. Onde eu não estudei nem uma semana.

SAMILA: Mas o senhor tinha vontade de estudar?

DAMIÃO: Tinha, tinha muita vontade de estudar, muito mesmo.

SAMILA: O senhor trabalhou no sisal quanto tempo?

DAMIÃO: Menina, eu trabalhei mais ou menos uns oito anos.

SAMILA: O senhor já, já pensou em trabalhar com outra coisa? Ter outra profissão? Trabalhar em outra coisa?

DAMIÃO: Se eu já pensei?

SAMILA: É

DAMIÃO: Menina, eu fui criado aqui vamo dizer no Icó, na roça a gente é... como é que diz é lavrador.

SAMILA: É, não tem outro.

DAMIÃO: É, não tem outro, aí a gente voltava a trabalhar no sisal porque não tinha do que viver, tinha que enfrentar o que tivesse.

SAMILA: É

DAMIÃO: Pois é

SAMILA: Qual era a função do senhor lá no sisal? O cargo?

DAMIÃO: O cargo? Puxar sisal.

SAMILA: Puxador então?

DAMIÃO: Puxador, cortar o sisal, tirar resíduo que depois que eu perdi a mão fui tirar resíduo.

SAMILA: É aí lá, homem e mulher têm a mesma função? Pode fazer a mesma coisa? Ou é separado?

DAMIÃO: Não, mulher lá é só pra cortar o sisal, é pra botar, [estender].

[A esposa de seu Damião completou a frase].

DAMIÃO: Estender a fibra.

SAMILA: O senhor lembra quantas horas o senhor trabalhava por semana?

DAMIÃO: Por semana? Menina eu trabalhava a semana todinha de segunda a sexta

SAMILA: O senhor ia de manhã e de tarde?

DAMIÃO: Só voltava de tarde.

SAMILA: Entendi, aí o senhor lembra, o dinheiro que o senhor recebia era o suficiente pra sustentar sua família?

DAMIÃO: Menina num era o suficiente não, porque tudo bem as coisa era até mais difícil de que hoje, e o valor que a gente ganhava era muito pouco, dava muito era falta das coisa. Porque naquele tempo, eu cheguei a puxar sisal pra mil quilo de fibra depois de disfibrar aquele mil quilo de fibra pra receber 130 conto.

SAMILA: Na semana?

DAMIÃO: Na semana.

SAMILA: O senhor sofreu um acidente?

DAMIÃO: Eu sofri um acidente.

SAMILA: O senhor perdeu a mão no motor do sisal?

DAMIÃO: No motor do sisal.

SAMILA: O senhor quer contar a história? Como foi?

DAMIÃO: Menina, isso aqui como é que diz... foi uma a barca me tomou uma palha, me tomou a palha, quando ela me tomou foi com tudo, levou o braço logo.

SAMILA: Quem socorreu o senhor? Levaram o senhor pro hospital na hora?

DAMIÃO: Rapaz me levaro pro hospital de Irecê, aí eu fui passei uns dia lá, aí eu voltei e fiquei aqui dentro de casa com a mão na tipóia.

SAMILA: O senhor lembra se naquela época tinha alguma organização de trabalhadores pra correr atrás de direitos sobre o sisal? Se tinha um sindicato, alguma coisa?

DAMIÃO: Ô menina não tinha não, nesse tempo não tinha não. Não tinha nem pra onde a gente correr porque não tinha apelo de jeito nenhum como tá hoje. O cara se perder o braço no motor ele pode tá novinho com dez com quinze ano uma comparação, ele não tem direito nem de encostar.

SAMILA: O senhor acredita que se tivesse um sindicato ou alguma organização naquela época, seria melhor?

DAMIÃO: É talvez seja melhor, talvez ia me ajudar, né? Mas não tinha nada disso.

SAMILA: Hoje em dia ainda não tem?

DAMIÃO: É, hoje em dia ainda não tem.

SAMILA: Ainda não tem, ninguém se organizou? Fez um grupo?

DAMIÃO: Não ainda, não.

SAMILA: O senhor acha que nos últimos anos desde quando o pessoal começou a trabalhar no sisal, houve alguma mudança? Alguma mudança, melhoria no trabalho?

DAMIÃO: Bom a melhoria que teve é que o valor aumentou mais.

SAMILA: Aumentou um pouquinho. Mas as condições de trabalho são igual?

DAMIÃO: Continua a mesma. A mesma coisa.

SAMILA: O senhor acha que qual é o maior problema hoje desses trabalhadores do sisal?

DAMIÃO: O maior problema?

SAMILA: Que eles enfrentam.

DAMIÃO: Eu acho assim, que tinha que ter...não é o dono do motor que o dono do motor não tem condição de pagar direito a ninguém. Vamo dizer a empresa que recebe o aquele produto era pra pagar um direito que era pra o dono do motor ter o direito de quando acontecesse alguma coisa ajudar o trabalhador, aí como não tem [inaudível].

SAMILA: O senhor já pensou em ir embora do Icó e ir morar em outro lugar?

DAMIÃO: Não. É minha terra natal eu gosto é daqui, nasci aqui tô aqui graças a Deus, gosto de meu lugar, que tem lugar ruim que tem no mundo o melhor é esse daqui, é só é ruim porque não tem do que viver, é fraco que nem aqui você ta vendo aí, ou é roça e quando a roça não dá é o motor, quando o sisal murcha o povo se batendo não tem de que viver, pois é o ruim daqui só é isso.

SAMILA: Tem crianças também no Sisal né?

DAMIÃO: Tem, tem com certeza, outra coisa que aqui, você vê que a idade que eu tô eu nunca vi um ano bom aqui, ano bom assim que se entende, quer dizer, de produção ter a cobrança de

um, vamo dizer o cara vem com o carro aqui agora e vai simbora num deixa um centavo. Aí um lugar desse não tem como ele ir pra frente porque a renda é jogada toda pra fora.

SAMILA: É, a renda não fica aqui e o sisal ele é exportado pra outros lugares, o sisal ele vira tapete, ele vira roupa, ele vira plástico, em shopping eles vende o sisal caríssimo, mas aqui a gente não vê esse dinheiro.

DAMIÃO: Não, vê não.

SAMILA: Mas é isso, o senhor gostaria de acrescentar mais alguma coisa? Falar alguma experiência?

DAMIÃO: Fazer que nem o falar: se quer lembrar do passado é sofrer duas vezes né, eu sei lhe dizer uma coisa que depois que eu perdi minha mão eu soufri muito, eu voltei trabalhar no mesmo serviço, não puxando tirando resíduo, cortando palha, capinando de inchada e parece até uma mentira, mas era.

SAMILA: O senhor não conseguiu auxílio nenhum? Foi no INSS?

DAMIÃO: Eu consegui assim depois de oito ano, depois de oito ano de sofrimento aí eu fiz o que? Aí eu voltei só tentando, tentando só vinha negado, negado até que consegui me encostar, eu passei uns dez ano, encostado fazendo perícia, aí depois o médico... até doutor Cláudio, ela sabe quem é [se referindo a sua esposa] doutor Cláudio um dia que foi pra mim fazer uma perícia e foi com ele, foi lá no INSS. Ele olhou assim e cabá disse assim: Vem cá, tu tá fazendo perícia pra que? Eu falei: não doutor, mas é lei dos homem. Ele falou: mas não existe, que essa mão não vai nascer dedo mais, eu vou lhe passar de primeira e pronto e acabou.

SAMILA: É, uma falta de assistência né?

DAMIÃO: É, com certeza, eu cê vê no tempo que eu perdi minha mão eu tinha, eu era pai de três filho, tudo pequenininho aí ó.

SAMILA: O senhor lembra mais ou menos o ano que aconteceu?

DAMIÃO: Lembro, 28... [Faz uma pausa para tentar lembrar] 29 de novembro de 1977.

SAMILA: 77? Caramba! E desses anos ainda não mudou? Se perder a mão no Sisal é a mesma coisa?

DAMIÃO: Não, não mudou, não mudou não, continua a mesma coisa, porque tem gente assim que nem eu não é pouca não, da vez que foi pra encaminhar esse negócio aqui [aponta para o braço do acidente] a gente foi pra Conceição de Coité, levado pelo em Várzea Nova pro doutor como é que chamava? o finado Ari, adquiriram o ônibus e levou... chegemo em Conceição de Coité com trinta e dois aleijado, quando foi na hora da entrevista lá parece uma mentira deu 262 homem sem braço.

SAMILA: Nossa Senhora!

DAMIÃO: É, pois é. Aí ficou aquilo, enrolando, enrolando e o que era daqui ficou pra Morro do Chapéu, ficou aquela enrola direto que nunca dava certo, quem era de Várzea Nova ficou pra Jacobina, eu sei que chegaram a tirar dinheiro e eu sem receber o meu, depois de oito ano que eu consegui receber o meu.

SAMILA: Aí no Coité é uma região que tem muito Sisal também né?

DAMIÃO: Sim. é muito sisal, muito sisal.

SAMILA: Eu acho que lá eles tiveram essa organização de trabalhadores pra correr atrás de direitos pros trabalhadores do Sisal, né. No Icó não teve isso?

DAMIÃO: Não.

SAMILA: Ninguém se juntou pra fazer isso.

DAMIÃO: Aí, eu sei que consegui...É, depois disso aí consegui ficar aposentado e dou graças a Deus por isso. Porque se não tivesse essa coisa era pior pra mim ainda.

SAMILA: Eu vou encerrar a entrevista, muito obrigada viu?!

DAMIÃO: De nada.

### **Entrevista 3**

**Entrevistada:** Bela

**Data:** 2 de agosto de 2025 às 17:00 horas.

**Idade:** 67 anos

**Gênero:** Feminino

**Anos de serviço:** 18 anos.

**Atividade:** exercia a função de cortadora e estendedeira, atualmente está aposentada.

**Local:** Residência da entrevistada

SAMILA: Vou fazer a entrevista, deixa eu sentar mais perto da senhora, [som ligado, muitos ruídos] sobre o sisal, mas eu preciso gravar sua voz, porque se eu fizer a entrevista pra decorar só da minha mente, eu não vou lembrar. [música ao fundo]

BELA: Não lembra né? [concorda acenando]

SAMILA: Aí eu tô pedindo permissão pra gravar a voz dos outros viu? Deixa só eu ver as perguntas aqui, que eu salvei, eu salvei aqui um questionário né, eu tenho que fazer as perguntas aqui pra senhora.

SAMILA: É... qual seu nome?

BELA: Bela.

SAMILA: A senhora tem quantos anos?

BELA: 67.

SAMILA: A senhora frequentou a escola?

BELA: Não terminei, eu num terminei os estudos, estudei até o quinto ano.

SAMILA: A senhora gostaria de ter estudado mais?

BELA: Não.

SAMILA: Não?

SAMILA: Foi o suficiente?

BELA: Foi.

SAMILA: É... a senhora trabalhou quanto tempo no sisal?

BELA: Desna da idade de 10 anos até 28.

SAMILA: Aí a senhora parou de trabalhar?

BELA: Foi, aí casei a gente foi plantar roça, mas sempre assim... eu ainda trabalhava no sisal, quando a gente não plantava roça a gente ia pro sisal.

SAMILA: A senhora pensou em ter outra profissão, trabalhar com outra coisa?

BELA: Não, só mesmo o sisal e roça.

SAMILA: A senhora gostava?

BELA: Gostava.

SAMILA: Qual era a função da senhora no sisal, a senhora fazia o que?

BELA: Eu cortava, botava palha e estendia a fibra

SAMILA: O trabalho lá é dividido ou homem e mulher podem fazer a mesma coisa?

BELA: Não, meu marido ele puxava, puxava a palha e estendia a fibra e cortava.

SAMILA: Aí puxar a palha que a senhora diz é puxar da máquina?

BELA: É, é.

SAMILA: Que é onde acontece acidentes se não tomar cuidado né?

BELA: É.

SAMILA: A senhora trabalhava quantas horas por semana?

BELA: A semana toda só não trabalhava sexta e sábado.

SAMILA: Aí a senhora, ia... [fui interrompida]

BELA: De segunda a quinta-feira.

SAMILA: Cinco da manhã e voltava que horas?

BELA: Cinco da tarde.

SAMILA: A senhora lembra se o valor que a senhora ganhava na época, era suficiente pra se manter?

BELA Era.

SAMILA: A senhora conseguia se manter?

BELA: Arrumar tudo, tudo.

SAMILA: A senhora já sofreu algum acidente no sisal?

BELA: Não, não.

SAMILA: Nunca se cortou, nada?

BELA: Não.

SAMILA: A senhora costumava usar algum equipamento de segurança? Não?

BELA: Não, só Deus, nossa segurança só era Deus.

SAMILA: Mas a senhora ia de sapato, de luva?

BELA: De sapato, só de sapato.

SAMILA: Mas o sapato era a senhora que comprava? Ninguém...

BELA: Era, a gente que comprava.

SAMILA: A senhora já teve algum problema de saúde relacionado ao sisal?

BELA: Não.

SAMILA: Algum órgão do governo já veio aqui fiscalizar o trabalho do sisal?

BELA: Não, não.

SAMILA: A senhora acha que se viesse alguma autoridade, as condições de trabalho no sisal poderiam ser melhores?

BELA: Menina, eu acho assim [pausa, curta] que eles deviam deixar o povo dos motor trabalhar que nem a gente trabalhava antigamente, sem fiscalização, porque só quem segura só é Deus, fiscalização não livra ninguém de um acidente, né. Hoje eles pode querer indenização né, mas toda vida teve, quando um trabalhador se acidentava no motor, o dono do motor ficava

mantendo aquela pessoa até se aposentar, não deixava assim à toa não. Ali ficava mantendo toda semana aquele dinheirinho da feira das necessidades dele, dos remédios, não deixava assim atoa não.

SAMILA: Mas eu acho que depende muito do dono do motor né, porque tem uns que não tem condições de manter a pessoa.

BELA: Mas, mesmo assim quem não tinha condições ajudava da maneira que podia, mas não deixava desamparado, nunca! No tempo que nasci aqui no Icó, minha juventude foi toda aqui, minha mãe morou aqui não sei quantos anos, né? E a gente trabalhava, e os dono de motor quando acidentava um trabalhador, as vez se cortava com a foice, que ficava duas três semanas parado eles dava o dinheiro.

SAMILA: Até a pessoa voltar?

BELA: Até a pessoa voltar, sarar e voltar, nunca deixou não.

SAMILA: Já houve alguma organização sindical aqui? Já teve algum sindicato dos trabalhadores de sisal?

BELA: Que eu lembre não. Da minha época não.

SAMILA: Ninguém nunca se organizou pra criar um sindicato?

BELA: Não, não, não.

SAMILA: A senhora acha [Ruídos ao fundo] que houve alguma melhoria no sisal dos anos que a senhora trabalho pra cá?

BELA: Não.

SAMILA: Não? Continua a mesma coisa?

BELA: Pior.

SAMILA: Como assim?

BELA: Pior porque no meu tempo as vezes a gente cortava [hesitação] as produções do motor as vezes era quatro cinco mil quilos por semana. E hoje ninguém faz mais isso, eu estendia, eu cortava 500 quilos de palha na semana e estendia três quatro mil quilo de fibra, carregando no

jegue, botando naqueles gancho e estendendo no estaleiro, e hoje não tem mais, cabou. O povo tá matando.

SAMILA: Mas o sisal tá acabando, né?

BELA: Tá, o sisal aqui era o ganha pão dos pobre. Era o sisal porque quando agora mesmo nessa seca, o sisal não murchava, na minha época o sisal não murchava porque tinha boa chuva né e não tinha essas poçaria, porque quem acabou com o sisal foi esses poço que esse povo abre quatro cinco poço em uma propriedade, então puxa o solo da água e daí a chuva não vem.

SAMILA: É

BELA: Secou, cabou.

SAMILA: Mas aí a senhora acha que deveriam criar mais empregos, pro pessoal que tá trabalhando no sisal ter outra renda?

BELA: Devia, devia o governo devia abrir uma frente de serviço né? Pras pessoas porque tem muitos pais de família e muitas mães de família que não tem aposentadoria, hoje não que tem o bolsa família, tem tudo né. Mas no meu tempo no tempo de tua avó, no tempo de Celma tua tia, não tinha, nós não tinha bolsa família, nada do governo, nós não recebia nada do governo. Nada, né.

SAMILA: A senhora já pensou em ir embora do Icó? Em algum momento?

BELA: Eu tô pensando de ir.

SAMILA: Mas agora depois de mais velha?

BELA: É, eu vou ver aí os meninos terminar os estudos deles, porque, antes de acontecer o derradeiro ano. Caique também vai ficar aqui fazendo o que?

SAMILA: Aqui não tem oportunidade de trabalho?

BELA: Meus filho tudo lá tem seus emprego, porque quando eu fui me embora pro Morro eles já tavam grandinho, e o mais velho já tinha seus 10 a 11 anos, e aí eu botava pra estudar e botava pra trabalhar. Trabalhava e estudava. E formaram tudo, hoje cada um tem seu ganha pão, não são rico né, mas também não são empregado de ninguém, né. Eles tem os comércio deles né. O mais velho polícia rodoviária, tem o comércio dele, já tem uma rocinha...que pobre não tem

fazenda, é uma roça, né. Pobre: ah tenho uma fazenda! Não tem não, é uma roça. E o outro trabalha na caixa econômica, tem também tem seu carrinho, né? Meu neto trabalha na farmácia, é gerente da farmácia Bom Jesus, também tem sua casinha, tem sua moto, boa né, e eles vão ficar aqui fazendo o que? Caique é autista, mas eu tenho que procurar uma atividade pra ele. Ainda ontem eu passei ele no neuro, de Irecê, paguei 350 na consulta ele só... a tendência dele é ficar mais lento, a senhora tem que procurar uma atividade pra ele, não deixar ele só parado com tablet e celular, nem computador.

SAMILA: A senhora conseguiu o benefício pra ele?

BELA: Consegui.

SAMILA: [encerrei a entrevista, dona Bela estava falando de outros temas].

#### **Entrevista 4**

**Entrevistada:** Mariana

**Data:** 2 de agosto de 2025 às 09:18 horas.

**Idade:** 60 anos

**Gênero:** Feminino

**Anos de serviço:** 45 anos

**Atividade:** Exercia a função de cortadora, atualmente está aposentada.

**Local:** Residência da entrevistada

SAMILA: Eu estou fazendo entrevista sobre sisal, mas eu tenho que gravar a voz da senhora. A senhora se incomoda?

MARIANA: [risada]

SAMILA: Só vou gravar sua voz, por que eu vou passar para o computador depois, aí eu tenho que ouvir o áudio pra escrever. A senhora se incomoda? Não tem problema?

MARIANA: Não, não tem problema não.

SAMILA: Aí eu vou fazer umas perguntas... [bom dia] Aí eu vou fazer umas perguntas sobre o sisal... e sobre a senhora também. Qual seu nome?

MARIANA: É Mariana.

SAMILA: A senhora tem quantos anos?

MARIANA: 60.

SAMILA: A senhora frequentou a escola?

MARIANA: Não.

SAMILA: A senhora sabe ler?

MARIANA: Não sei.

SAMILA: A senhora gostaria de ter estudado?

MARIANA: Gostaria, mas naquela época que a gente a mãe trabalhava, a gente tinha que ajudar também, né? Aí ficava aí... também mãe tirou eu da escola para poder olhar os meninos pra poder trabalhar e também trabalhava mais ela... pra cuidar também né? Que nós não teve estudo, era uma vida muito sofrida né? Aí não teve oportunidade de estudar.

SAMILA: A senhora trabalha quanto tempo no sisal?

MARIANA: Eu comecei a trabalhar no sisal com dez anos.

SAMILA: Com dez anos? Em algum momento a senhora pensou em trabalhar com outra coisa?

MARIANA: Para falar a verdade, não. Eu só gostava de trabalhar no sisal [risos]

SAMILA: Como é feita a divisão de trabalho? Homem mulher pode fazer a mesma coisa?

MARIANA: Pode, pode cortar, nós cortava, nós botava...o marido puxava o sisal, residava também.

SAMILA: A senhora ainda trabalha no sisal?

MARIANA: Não, vim parar agora, quando eu me aposentei, mas trabalhei muito.

SAMILA: A senhora trabalhava quantas horas por semana, a senhora lembra?

MARIANA: Tinha vez que dia de segunda feira a gente trabalhava o dia todo... e a vez que vinha para casa meio-dia, aí trabalhava segunda, terça, quarta e quinta, sexta a gente não ia, né? Que tinha que cuidar na casa, lavar roupa nós trabalhava o dia todinho e eu gostava de trabalhar no sisal. Amava trabalhar. Até hoje eu gosto.

SAMILA: A senhora acha que o dinheiro que ganhava no sisal era suficiente para sustentar a família?

MARIANA: Não. Era pouco, né? Mas, mas passava, né? Não dava para sobreviver assim... como é... assim de fora a fora, né? Porque a gente comprava, só não é que nem hoje né... só pra comer a semana. Quando era dia de quinta feira acabava, acabava as coisas, né? E aí ele ficava sem comprar...que era pouco, né? Mas agora já tá bom, o sisal agora já tá bom.

SAMILA: Aumentou o preço, né?

MARIANA: É, foi.

SAMILA: A senhora já sofreu algum acidente no sisal?

MARIANA: Não, minha filha.

SAMILA: Não, não se cortou nada?

MARIANA: Não, ainda não. Graças a Deus que não.

SAMILA: A senhora costumava usar algum equipamento de segurança para se proteger, para não se cortar?

MARIANA: Não, não só calçava sapato... era, não gostava nem de luva. Um sapato, só um sapato.

SAMILA: A senhora já teve algum problema de saúde relacionado a sisal?

MARIANA: Não, não. De jeito nenhum.

SAMILA: Algum órgão do governo já veio aqui para fiscalizar o trabalho do sisal?

MARIANA: Não, nenhum. Não.

SAMILA: A senhora acha que o poder público poderia melhorar a vida de quem trabalha no sisal?

MARIANA: Sim, porque aqui hoje em dia, só com a gente tem para trabalhar só o sisal. Não é só o trabalho de sisal. Agora que tem essas a roça de tomates é boa, mas é muito veneno a

doença adoece muito. Graças a Deus eu trabalhava no sisal, nunca tive doença nenhuma... eu achava saudável o sisal até hoje sou doida pra trabalhar.

SAMILA: Tem alguma organização sindical aqui ligada com sisal? Algum trabalhador se juntou para fazer um sindicato?

MARIANA: Não, aqui não, não. Pelo menos aqui em casa, não. Nenhum.

SAMILA: A senhora acha que desse tempo que a senhora trabalha no sisal até hoje, houve alguma melhoria no sisal nas condições de trabalho?

MARIANA: Sim, que naquele tempo o sisal era, era bem baratinho, né? Ganhava um pouquinho.

SAMILA: Aí hoje aumentou um pouquinho o preço?

MARIANA: Hoje já aumentou um pouquinho. Tá bom hoje.

SAMILA: Mas aí as condições são as mesmas? É a mesma coisa que você faz?

MARIANA: É as mesmas coisa.

SAMILA: A senhora gostaria de contar alguma história?... relacionada ao sisal que a senhora lembra? Alguma experiência, alguma coisa que marcou a senhora no sisal?

MARIANA: Sim, é assim que eu gostava muito de trabalhar no sisal, até hoje eu gostava de sisal, porque o sisal a gente trabalhando era divertido eu gostava da comida que a gente fazia no pé do motor, nós gostava de comer, até hoje eu tenho saudade e é muito divertido no motor, a gente, pelo meno acabou o estresse da gente. Quem tá trabalhando ali, tá alegre, conversando, todo mundo. Aí acaba o estresse.

SAMILA: Lá no sisal tinha banheiro? Quando vocês tinham vontade de usar o banheiro...

MARIANA: Não, não tem nada. Agora que eles tá com essas coisa e tem dono de motor que trabalha no sisal dos outros, aí se todo mundo for fazer banheiro... negócio de sisal assim... ou seja, não dá. Não é todo mundo que roda motor, que não tem o sisal, já vai trabalhar no sisal dos outro né? Aí não tem como. Não é isso é uma bestagem, o que eles estão fazendo.

SAMILA: É que veio... a justiça federal aqui (voz de criança ao fundo) e fechou, não foi? O motor... a senhora ficou sabendo?

MARIANA: Foi, disse que foi, minha filha. Eu acho que era devido acho essas coisa... de banheiro, mas não tem condições não. Não sei não. Aí eles estão tirando trabaio dos pobre, da boca dos pobre... aí é a comida dos pobre, porque como fala... ninguém aqui, ninguém tem renda nenhuma, minha fia, tirando os aposentado... é, só tem o sisal e essas roça de veneno que tá aí, que tá acabando com o povo também, mas o sisal eles tão tirando, tão tirando o de comer dos pobres. Porque, minha fia, quando eles fecham aí pra não trabalhar, os povo passa necessidade.

SAMILA: Aqui não geram outro emprego, né?... aqui não tem outro tipo de trabalho.

MARIANA: Não, não. Só tem aí agora a que eles tão botando... é... cebola, tomate e plantando, mas é um veneno, que tá matando, o veneno brabo, e sisal, graças a Deus... nós trabalhou tanto tempo... comecei trabalhar no sisal com dez anos e eu nunca disse assim, que eu tô sofrendo isso por causa de sisal, não, de jeito nenhum. Eu não.

SAMILA: Obrigada, a entrevista é essa.

MARIANA: De nada minha filha.

Observação: Após encerrar a entrevista, dona Mariana continuou conversando, o gravador ainda estava ligado. A mesma autorizou o uso desse trecho extra.

SAMILA: A senhora, sabe como funciona? Eles montam um motor de sisal... mas aí o dono do motor não fica com o dinheiro, né? Quem fica com dinheiro?

MARIANA: Os trabalhador... ali o que sobra fica pouco para eles, pra eles fazer a feira deles também.

SAMILA: Mas aí quem fica com o dinheiro do sisal, a senhora sabe? É quem compra?

MARIANA: A firma a firma que compra o sisal, é a firma, minha filha.

MARIANA: A senhora sabe de onde é esta firma que veio aqui para comprar o sisal do...

MARIANA: Mulher que tem lá que vende em Várzea Nova, agora não sei se de Várzea Nova, passa pro lado do Coité, que é o lugar do sisal, né? E aqui a renda daqui vai toda pra aí, pra Várzea Nova.

SAMILA: É, vai para fora, para fora. Assim... quando eu morei em São Paulo, nos shoppings, lá tinha sisal, tapete de sisal sendo vendido por R\$ 300 e aqui ninguém vê esse dinheiro.

MARIANA: Tu acredita? Diz que até a água do sisal tá servindo de remédio.

SAMILA: E o sisal vira plástico também.

MARIANA: Tudo... faz chapéu, faz tapete, faz tudo, tudo... faz pia, faz tudinho, caixa de água.

SAMILA: Imagina se montasse uma fábrica dessa aqui? Não ia ser bom?

MARIANA: Ave Maria ia ser bom demais.

SAMILA: Não seria bom pra vocês? Produzir os chapéus... seria outra coisa, né? Mas aí a gente nem sabe quem fica com esse dinheiro.

MARIANA: É, a gente nem sabe, deve ser sei lá, não sei se governo tem nada a ver. Eu acho que esse sisal vai exportar ele todo pra China, pesses lado daí longe, longe, que dá muito dinheiro.

SAMILA: E aqui a gente não vê ninguém enriquecer com sisal.

MARIANA: Não, não, não. Só pra comer. E ainda chega e vem... tira o trabalho do povo. É o ganho do povo.

SAMILA: É complicado.

## **Entrevista 5**

**Entrevistada:** Josefa

**Data:** 2 de agosto de 2025 às 16:03 horas.

**Idade:** 54 anos

**Gênero:** Feminino

**Anos de serviço:** 32 anos

**Atividade:** Exercia a função de cortadora e estendedeira, atualmente está aguardando a aposentadoria.

**Local:** Residência da entrevistada

SAMILA: Eu vou gravar essa entrevista, eu vou gravar a voz da senhora. A senhora não se importa de eu gravar a sua voz?

JOSEFA: Não, não.

SAMILA: Tá certo.

SAMILA: Qual o seu nome?

JOSEFA: Josefa.

SAMILA: A senhora tem quantos anos?

JOSEFA: Tenho 54.

SAMILA: 54? A senhora frequentou a escola?

JOSEFA: Estudei até... a segunda série.

SAMILA: A senhora queria ter estudado mais?

JOSEFA: Eu queria, mais naquele tempo não tinha condição de estudar, que eu morava nos Brejões. Estudava... eu estudei lá. No Icó não, estudei lá nos Brejões, então não estudei mais. Aí, naquele tempo, a gente tinha que trabalhar para ajudar o pai e a mãe.

SAMILA: Em casa, né? A senhora queria ter estudado mais. Por que?

JOSEFA: Porque eu tenho vontade de aprender, aprender e sair num canto assim e saber ler e tudo, porque eu não sei ler, eu não sei escrever, malmente eu sei fazer meu nome. E aí eu que tinha vontade. Mas aí depois que eu casei...eu casei com 16 anos e vim morar aqui no Icó, aí estudava... o povo, hoje o povo chama EJA né, mas antigamente era um mobral, aí eu estudava o mobral de noite, aí fui para a quarta série, depois eu desisti porque... para ajudar o marido a trabalhar e tinha os filho pra cuidar e aí eu fui para ajudar e aí eu parei.

SAMILA: A senhora trabalhou quanto tempo no sisal? Quantos anos?

JOSEFA: Eu comecei a trabalhar no sisal eu tinha 11 anos. E aí eu parei, eu estava com 43.

SAMILA: Bastante tempo.

JOSEFA: Bastante tempo. Eu parei porque eu comecei a sentir problema na mama, as mama doía, aí eu comecei fazer exame e aí deu nódulo e aí não aguentei mais trabalhar, mas trabalhei bastante, cortava a palha, botava, estendia fibra, carregava fibra.

SAMILA: É, no sisal é dividida as funções? Ou homem e mulher pode trabalhar com a mesma coisa se quiser?

JOSEFA: É, só é dividida as funções assim: porque o homem ele puxa o sisal e o outro resida. Agora, já a mulher, é só o trabalho mais leve.

SAMILA: Estender, né?

JOSEFA: Estender é... cortar a palha, botar... tipo assim mais... [não completou a frase]

SAMILA: A senhora pensou em trabalhar com outra coisa? Já pensou em trabalhar com outra coisa que não fosse sisal?

JOSEFA: Pensava né, mas agora não adianta mais que eu já estou com 54.

SAMILA: A senhora aposentou já?

JOSEFA: Ainda não... estou com 54 anos aí não adianta mais eu ir querer mais trabalhar, não é? [risos]

SAMILA: Tem que descansar, descansar e aí a senhora falou que qual era a função da senhora no sisal mesmo?

SAMILA: Era eu cortava a palha, botava, carregava fibra, estendia fibra, tirava a fibra, [risos].

SAMILA: E quantas horas a senhora trabalhava durante a semana? A senhora lembra?

JOSEFA: Trabalhava a semana toda, de segunda a sexta. Era o dia todo.

SAMILA: Era o dia todo?

JOSEFA: O dia todo. De manhã por exemplo ia 6h horas da manhã e chegava 18h, 17h da tarde. Era o dia todo.

SAMILA: A senhora lembra o valor que a senhora ganhava? Era suficiente para manter a família da senhora?

JOSEFA: Era. Naquele tempo era.

SAMILA: A senhora não passava... [fui interrompida]

JOSEFA: Não, naquele tempo era eu, meu pai, minhas irmã trabalhando, naquele tempo dava para a gente sobreviver.

SAMILA: A senhora já sofreu algum acidente no sisal? Já se cortou?

JOSEFA: Não, não, não.

SAMILA: A senhora usava algum equipamento de segurança? Para não se machucar?

JOSEFA: Só sapato, usava só... era calça comprida, sapato, casaco... era boina na cabeça, mó do sol.

SAMILA: É... aí no sisal tem alguns problemas... serpentes? Vocês sofriam com isso?

JOSEFA: Não. Sofrer a gente nunca sofreu não, mas sempre aparecia no sisal, sempre aparecia, sempre aparecia não. Sempre aparece uma cobra no sisal. [risos]

SAMILA: Algum órgão do governo já veio aqui fiscalizar o trabalho de sisal?

JOSEFA: Não, não, não... no meu tempo não.

SAMILA: Na época, a senhora gostaria que algum órgão tivesse vindo melhorar a situação do trabalho do sisal?

JOSEFA: É, naquele tempo, se ele tivesse vindo, tinha melhorado, hoje não estaria como está, né? Porque hoje para, depois o povo continua a rodar o motor de novo... e aí né?

SAMILA: A senhora lembra se existia alguma organização sindical que os trabalhadores se organizavam para melhorar a situação do sisal?

JOSEFA: Não. Não.

SAMILA: Nunca teve nenhum grupo de sindicato aqui?

JOSEFA: Não, não. Nunca teve não.

SAMILA: A senhora acha que da época que a senhora trabalhou... para os dias de hoje, houve alguma melhoria no sisal? Teve alguma melhora?

JOSEFA: Teve. Por que naquele tempo o preço do sisal era baixinho né? Agora aumentou mais, eles tão aumentando.

SAMILA: Mas aí, nesse caso, a única melhoria que teve foi o aumento do preço do sisal?

JOSEFA: Preço do sisal. É.

SAMILA: As condições de trabalho são as mesmas?

JOSEFA: São as mesma, é a mesma coisa. Aí aumentou porque naquele tempo que eu trabalhava era o preço do sisal, era só que as coisas era mais barata de que hoje, né?

SAMILA: É verdade.

JOSEFA: Hoje as coisa é um absurdo, né?

SAMILA: A senhora tem noção de qual seja o maior problema que os trabalhadores do sisal enfrentam?

JOSEFA: O maior problema?

SAMILA: É, que os trabalhadores do sisal enfrentam...seja as condições de trabalho, o sol, baixa remuneração...

JOSEFA: É. Isso aí, essas coisa né, o sol... é o... como é que diz, o sisal, o dinheiro... o dinheiro também que ganha também, que não é lá essas coisas também, né? E aí... [não completa a frase]

SAMILA: A senhora tem alguma história que a senhora queira compartilhar sobre o sisal? Alguma história, alguma coisa que lhe marcou quando a senhora trabalhava?

JOSEFA: Pra mim, uma coisa que me marcou é... que Deus me perdoe, que eu nunca gostei do sisal [risos].

SAMILA: É um trabalho árduo, né?

JOSEFA: Oxe, não é o que?! Eu trabalhei no sisal, mais não gostava não. É um trabalho que a gente arrisca muito a vida da gente. A gente arrisca furar o olho, a gente arrisca corte, se cortar... os puxador, tem muitos deles que perde a mão e aí eu mesmo...

SAMILA: E não ter uma ajuda, né? Porque os donos do sisal não têm dinheiro, coloca o motor... quem tem dinheiro é quem compra fibra, mas a gente nem vê esse dinheiro, né?

JOSEFA: E se você chega sofrer um acidente não tem como o dono do campo ali lhe manter ali, que o dele também é pouco. A renda dele também é pouca.

SAMILA: É, mas a senhora já presenciou algum acidente no sisal?

JOSEFA: Não. Graças a Deus que não.

SAMILA: Em algum momento a senhora já pensou em ir embora do Icó?

JOSEFA: É, antes de meu marido sofrer o acidente. Que ele sofreu um acidente de moto, tá nessa situação aí, né? [O esposo de dona Josefa é cadeirante, e ela aponta pra ele durante a entrevista]. Eu tinha vontade de ir embora, mas agora não tem como eu ir. Por que ele depende dos filho, aí os filho tá aí, sempre ajudando eu mais ele, na luta, mas eu ia tentar.

SAMILA: Mas a senhora pensava ir embora por quê? Para melhorar as condições de vida?

JOSEFA: Era pra melhorar de vida, melhor a nossa vida, porque a pessoa está só naquele lugarzinho ali, só naquilo, naquilo. A gente era só no sisal ali, ganhando só o dinheirinho do pão. A pessoa não comprava nada para dentro de casa.

SAMILA: Não tem luxo, né?

JOSEFA: Não tem. Não tem luxo nenhum não, era só pra comer mesmo.

SAMILA: Eu vou encerrar a entrevista. Muito obrigada, viu?

JOSEFA: Por nada.

## **Entrevista 6**

**Entrevistada:** Maria

**Data:** 2 de agosto de 2025 às 16:34 horas.

**Idade:** 52 anos

**Gênero:** Feminino

**Anos de serviço:** Não soube identificar

**Atividade:** Cortadora e estendedeira, provedora.

**Local:** Residência da entrevistada

SAMILA: Aí eu vou explicar pra senhora que é um trabalho da faculdade, é importante gravar o áudio com a sua voz, a senhora concorda?

MARIA: Hum, Humrum. [Acena com a cabeça]

SAMILA: É... qual seu nome?

MARIA: Maria.

SAMILA: Quantos anos a senhora tem?

MARIA: Vou fazer 52.

SAMILA: A senhora frequentou a escola?

MARIA: Frequento, tô indo à noite.

SAMILA: Tá fazendo EJA?

MARIA: É, é o EJA.

[Sons de risada]

MARIA: É porque a noite, né... tem que ir, né?

SAMILA: Ah, não tem a série... é... eles juntam, né? Então a senhora voltou a estudar?

MARIA: Foi.

SAMILA: É... a senhora trabalha no sisal há quantos anos?

MARIA: Uns quatro ano, assim [A filha de dona Maria a interrompe e diz que tem mais anos que ela trabalha] a cinco, [filha de dona Maria afirma que é toda uma vida] é uns seis, é toda vida.

SAMILA: Em algum momento a senhora pensou em trabalhar com outra coisa?

MARIA: Não, é ni roça.

SAMILA: É... qual a função da senhora no sisal, a senhora faz o que lá?

MARIA: Corto, carrego... no ombro.

SAMILA: Como é feita a divisão no sisal? Homem e mulher podem fazer a mesma coisa?

MARIA: É, é... tem o puxador, tem o resideiro, tem os cortador que nem a gente mesmo corta e carrega, bota lá no lobe.

SAMILA: A senhora sabe dizer o que cada um faz? O puxador faz o que? Puxa a fibra?

MARIA: É, puxa, panha a palha, puxa a fibra.

SAMILA: Aí, os homens que colocam a palha dentro daquela máquina?

MARIA: É, naquela máquina, aí já sai aquela fibra.

SAMILA: Aham, é... quantas horas a senhora trabalha por semana?

MARIA: Por semana?

SAMILA: É.

SAMILA: A senhora vai que horas, sai que horas?

MARIA: Sai cinco horas da manhã, volto duas, três horas.

SAMILA: O dinheiro que a senhora ganha no sisal é suficiente pra senhora? [risada de criança, ao fundo] Esse valor tá bom?

MARIA: É, um valorzinho bem pequeno que a gente ganha né, bom.

SAMILA: Dá pra se manter?

MARIA: É, esse pouquinho.

SAMILA: A senhora já sofreu algum acidente no sisal trabalhando?

MARIA: Não. Não.

SAMILA: Já presenciou algum acidente?

MARIA: Não. [A filha de dona Maria questiona, diz que sua mãe já presenciou sim].

SAMILA: A senhora costuma usar algum equipamento de segurança? Pra não se machucar?

MARIA: Só bota.

SAMILA: Bota, luva?

MARIA: Não.

SAMILA: Mas quem fornece isso pra senhora? Ou a senhora tem que comprar?

MARIA: É.

SAMILA: A senhora já teve algum problema de saúde relacionado ao sisal?

MARIA: Não.

SAMILA: Algum órgão do governo já veio aqui fiscalizar o trabalho do Sisal?

MARIA: Aqui na minha casa?

SAMILA: Não, já foi no sisal pra ver?

MARIA: É, tem vez que quem vem perturbar é a federal? [risos]

SAMILA: A Polícia Federal?

MARIA: É, a Federal. [risos]

SAMILA: Aí eles vêm... [Fui interrompida]

MARIA: É, aí depois param os motor tudo quando eles vêm.

SAMILA: Eles vêm fiscalizar o trabalho e eles fecham o motor?

MARIA: É que diz que aí, diz que é um trabalho escravo, né? Todo mundo diz: a Federal chegou todo mundo corre, não pode ficar. [risos]

SAMILA: Eles falam porque estão fechando o campo do sisal? Eles explicam pra vocês?

MARIA: Não, só eles que não chegou assim até a gente, né? Em outros já chegou dizendo assim: que é escravidão. Aí pronto, o povo fica com medo.

SAMILA: Mas eles chegam pro dono do motor e fala: vamo fechar o campo de sisal, porque o trabalho é escravo?

MARIA: Tem uns que coisa, já outros não chega dizendo não.

SAMILA: Aí eles vêm com mandato e fecha?

MARIA: É.

SAMILA: A senhora acha que o poder público pode melhorar a vida de quem trabalha no sisal? A senhora acha que com essas atitudes... [Fui interrompida]

MARIA: É, tem que melhorar, né? Tem que melhorar que as coisa não é fácil, né?

SAMILA: Já houve alguma organização sindical aqui? Algum trabalhador já se juntou pra fazer um sindicato do sisal?

MARIA: Eu acho que não. Não.

SAMILA: Não tem nenhuma associação, nada?

MARIA: Não.

SAMILA: A senhora acha que se tivesse um sindicato melhoraria as condições de trabalho?

MARIA: Eu acho que melhoraria.

SAMILA: A senhora se sente representada por alguém que defende o sisal ou a senhora se sente representada pelos políticos daqui?

MARIA: Não.

SAMILA: É por que... a senhora acha que nesses tempos de sisal que a senhora trabalha, houve alguma melhoria, melhorou alguma coisa no Sisal?

MARIA: Não, só aumentou assim um pouco, né?

SAMILA: O preço da fibra, né?

MARIA: É o preço da fibra... é, aumentou.

SAMILA: Então, de todos esses anos, tudo continua a mesma coisa, só aumentou um pouquinho o preço?

MARIA: É, só um pouquinho só

SAMILA: Aí, como funciona? É o preço, o quilo da palha?

MARIA: É

SAMILA: É por quilo? Quanto é o quilo? A senhora sabe mais ou menos quanto tá o quilo de sisal? Depende do dono do motor, né?

MARIA: É, não sei não, quanto tá assim o quilo.

SAMILA: É... a senhora acha que qual é o maior problema que os trabalhadores do sisal enfrentam hoje em dia? O maior problema assim de trabalhar no sisal? Qual é?

MARIA: Isso aí?

SAMILA: Pode ser um problema que a senhora enfrenta, trabalhando no sisal?

[Pausa]

MARIA: Acho que, sei lá...

SAMILA: É acordar cedo, é o sol, é o ambiente lá no trabalho?

MARIA: Não, isso aí a gente não importa não [risos].

SAMILA: É, já acostumou, né?

MARIA: Mais do mesmo jeito já acostumou com o sol a frieza.

[filha de dona Maria: acho que bichos, não?]

MARIA: É, só se for os bichos, mas não é todo campo que a gente vê.

SAMILA: É cobra, né?

MARIA: É cobra, é...

SAMILA: É um problema, né?

MARIA: Lá mesmo onde nós tá trabalhando, não vê graças a Deus, é.

SAMILA: A senhora gostaria de compartilhar alguma história, alguma coisa que lhe marcou, esse tempo trabalhando no sisal? Tem alguma história que a senhora pensa: ah, aconteceu isso comigo uma vez?

MARIA: Não, acho que não.

SAMILA: A senhora já pensou em ir embora do Icó, alguma vez?

MARIA: Não, não [risos]

SAMILA: É essa a entrevista, obrigada!

MARIA: De nada.

### **Entrevista 7**

**Entrevistada:** Rosa

**Data:** 2 de agosto de 2025 às 16:17 horas.

**Idade:** 28 anos

**Gênero:** Feminino

**Anos de serviço:** 3 anos

**Atividade:** Exercia a função de cortadora, atualmente está sem trabalhar, devido a um acidente nos campos de sisal onde perdeu a visão de um dos olhos.

**Local:** Residência da entrevistada.

[Rosa se acidentou no campo de Sisal e acabou perdendo parte da visão de um dos olhos].

SAMILA: Como é o teu nome?

ROSA: Rosa.

SAMILA: Rosa eu vou gravar a sua entrevista porque esse trabalho é importante pra mim e eu preciso guardar este áudio. Tá tudo bem?

ROSA: Tudo bem.

SAMILA: Tá certo. Quantos anos tu tem?

ROSA: Vinte e oito.

SAMILA: Tu frequentou a escola?

ROSA: Sim.

SAMILA: Quanto tempo?

ROSA Fiz até o ensino médio.

SAMILA: Tu gostaria de ter feito algum curso, ter estudado mais?

ROSA: Sim, com certeza.

SAMILA: Por quê?

ROSA: Pra ter uma vida melhor, né? Que trabalhar no sisal... já não tem um futuro assim... bom, né? Pra gente e para os filhos da gente. É um trabalho sofrido.

SAMILA: Quanto tempo que tu trabalha no sisal?

ROSA: Três anos.

SAMILA: Três anos? E tu já pensou em trabalhar com outra coisa? Tu tinha o sonho de trabalhar com outra coisa?

ROSA: Sim.

SAMILA: Tu queria trabalhar com o que?

ROSA: É fazer uma faculdade para dentista.

SAMILA: Ai, que legal. O que é que tu faz no sisal? Sua função lá era o quê?

ROSA: Eu cortava a palha e colocava.

SAMILA: Colocar é num lugar para eles puxarem a fibra?

ROSA: Sim.

SAMILA: Como é feita a divisão lá no sisal? Homem e mulher pode fazer a mesma coisa ou não?

ROSA: Não. A função da mulher é cortar e colocar a palha e a função do homem é puxar o sisal e residar.

SAMILA: Esses trabalhos são mais pesados?

ROSA: É, isso.

SAMILA: Quantas horas tu trabalhava por semana?

ROSA: Por semana?

SAMILA: Tu ia, sei lá, 8h da manhã, voltava que horas?

ROSA: Eu ia às 5h da manhã e voltava meio-dia, só meio período.

SAMILA: Ah, entendi. O valor que tu ganhava era suficiente para você?

ROSA: Não.

SAMILA: Esse valor era pouco?

ROSA: É, eu achava pouco.

SAMILA: Eu vou fazer uma pergunta: tu sofreu um acidente recente, não foi?

ROSA: Sim.

SAMILA: Foi no sisal?

ROSA: Foi.

SAMILA: Tu pode contar como foi o acidente?

ROSA: É porque a gente começa... primeiro limpando, né... o pé de sisal para poder começar a cortar. Aí, no momento que eu estava limpando, eu fui cortar um pau, uma galha... de pau, né? Aí quando eu bati com o facão, aí voou um pedacinho da madeira batendo dentro do meu olho.

SAMILA: E aí tu foi socorrida? Como foi?

ROSA: Aí eu vim embora pra casa.

SAMILA: Sozinha ou alguém te trouxe?

ROSA: Eu vim com meu irmão que trabalha no sisal também. Aí quando eu cheguei em casa, aí fui até o hospital.

SAMILA: Aí tu foi com o teu irmão pro hospital? Esse acidente foi quando?

ROSA: Foi no mês de abril.

SAMILA: Aí, tu tá sem trabalhar esse tempo?

ROSA: Tô sem trabalhar. Hoje é dia 2 de agosto, né?

SAMILA: Aí tu tá sem trabalhar esse tempo, mas tu teve alguma ajuda... tá recebendo algum auxílio, alguma coisa?

ROSA: Não.

SAMILA: Não? Você só está sem trabalhar mesmo? Tu costumava usar algum equipamento de segurança para se proteger? Não?

ROSA: Eu usava bota nos pés, luva nas mãos e chapéu.

SAMILA: Alguém te dá essas coisas ou você que tem que comprar?

ROSA: Não, a gente tem que comprar, né... por conta própria.

SAMILA: Você não recebeu nenhuma ajuda médica ou financeira nesse período?

ROSA: Não, não.

SAMILA: Tu acha que esse problema é comum entre os trabalhadores do sisal? Acontece muito acidente?

ROSA: Sim. Não tem proteção, né?

SAMILA: Algum órgão do governo já veio aqui fiscalizar o trabalho? Para melhorar as condições de trabalho no sisal?

ROSA: Eu já ouvi falar, né... que teve um pessoal aí que parou o sisal por uns dias pra ver se conseguia melhorar a situação, o preço, a segurança do pessoal que trabalha, mas até agora nada foi resolvido.

SAMILA: Nada mudou, né? Tu gostaria que o poder público fizesse alguma coisa pra melhorar a vida de quem trabalha no sisal?

ROSA: Sim.

SAMILA: Tu sabe se existe alguma organização? Algum trabalhador se juntou com outro pra resolver os problemas que tem no sisal? Não tem nenhum grupo de trabalhadores que faz isso aqui?

ROSA: Não. Que eu saiba, não.

SAMILA: Tu acredita que se tivesse um sindicato ou uma associação aqui poderia melhorar a situação dos trabalhadores do sisal?

ROSA: Sim.

SAMILA: Por que tu acha isso?

ROSA: Acho que seria uma força, né... pra melhorar... ia melhorar bastante as condições do trabalhador do sisal.

SAMILA: Tu acha que houve alguma melhoria no sisal nesses últimos anos? Desde que tu começou? Alguma coisa melhorou no sisal?

ROSA: Só mesmo o preço, né... que aumentou um pouquinho.

SAMILA: Tu acha que qual é o principal problema que esses trabalhadores de sisal enfrentam hoje em dia? Qual é o principal problema que o trabalhador sisaleiro enfrenta?

ROSA: É eu acho que seje é o preço do sisal, né... que aumentou um pouco, mas também não foi muita coisa, né... mas também, né... o... a segurança que não tem, né... a gente tem que ter muito cuidado. Então, né... acho que melhoraria bastante essa parte aí... segurança no trabalho.

SAMILA: Tu quer acrescentar mais alguma coisa? Contar alguma história, desabafar? Fica à vontade.

ROSA: Não.

SAMILA: Muito obrigada, viu? Vou encerrar a entrevista.

**Entrevista 8****Entrevistado:** Miguel**Data:** 19 de setembro de 2025 às 09:56 horas.**Idade:** 28 anos**Gênero:** Masculino**Anos de serviço:** 8 anos**Atividade:** Exerce a função de gerenciar o campo.**Local:** Ligação de voz

Entrevista Gravada dia 19 de setembro de 2025

SAMILA: Oi Miguel, eu vou começar a entrevista assim mesmo, vou tentar ver se vai sair áudio no meu microfone, tá muito ruim.

MIGUEL: Tá certo.

SAMILA: Eu vou ler as perguntas para você porque eu fiz um questionário, tá tudo bem eu gravar sua voz, né? Tudo certo?

MIGUEL: Tá tudo certo.

Samila: Quantos anos você tem?

MIGUEL: 28.

Samila: Certo, há quanto tempo tu trabalha no Sisal?

MIGUEL: Tem mais ou menos uns oito anos.

SAMILA: Tu já pensou em trabalhar com outra coisa?

MIGUEL: Pensar já, né... mas aqui não tem tanta opção, né?

SAMILA: Tu frequentou a escola?

MIGUEL: Terminei, concluí o ensino médio.

SAMILA: Certo, tu gostaria de ter estudado mais?

MIGUEL: Sim.

SAMILA: Tu pensava em alguma profissão específica?

MIGUEL: Não, profissão específica não.

SAMILA: Qual a tua função no sisal? Tu faz o que, exatamente, lá?

MIGUEL: Eu... porque tipo assim... tem as pessoas que toma conta do motor, tem o resideiro, o puxador, quem corta, aí eu, no momento, eu tomo conta.

SAMILA: Ah, você tipo inspeciona o trabalho das pessoas?

MIGUEL: É.

SAMILA: Entendi, quantas horas tu trabalha por semana?

MIGUEL: Aí depende muito, porque geralmente hoje a gente só trabalha até meio-dia, onze e meia...

SAMILA: De segunda a sexta?

MIGUEL: Segunda à sexta.

SAMILA: O valor que tu ganha no sisal tu acha suficiente pra se manter, pra manter tua família?

MIGUEL: Assim, se for pra você depender só dele, não.

SAMILA: Tu acha um valor baixo?

MIGUEL: É.

SAMILA: Entendi... e tu já sofreu algum acidente no sisal?

MIGUEL: Não. Não. Do tempo que eu trabalho, não.

SAMILA: Tu costuma usar algum tipo de equipamento de proteção? Luva, bota?

MIGUEL: É, a luva, a botina, só essas coisas...

SAMILA: Mas aí alguém fornece isso pra você ou você mesmo que compra?

MIGUEL: Não, eu mesmo que compro.

SAMILA: Certo, tu já teve algum tipo de problema de saúde relacionado ao trabalho no sisal?

MIGUEL: Não, nenhum.

[pausa longa]

SAMILA: Algum órgão do governo já foi fiscalizar ou oferecer um apoio nas condições de trabalho aí no sisal?

MIGUEL: Aonde eu trabalho não, mas há uns dois meses atrás a Polícia Federal teve aqui, aí parou até durante uns 15 dias, mais ou menos.

MIGUEL: A...

SAMILA: Sim, desculpa te interromper.

MIGUEL: Dizendo eles pra ter uma melhoria, sabe? Os donos do campo, os comprador de fibra, apresentar algumas melhorias.

SAMILA: Ah, então eles fecharam os campos, afirmando que era no sentido de melhorar as condições?

MIGUEL: Isso.

SAMILA: Mas daí vocês acham que aconteceu isso? Que melhorou alguma coisa?

MIGUEL: Continua do mesmo jeito.

SAMILA: Entendi. É... existe alguma organização sindical ligada ao trabalho no sisal?

MIGUEL: Não, que eu saiba, não.

[Pausa longa]

SAMILA: Miguel, tu já pensou em criar uma organização de trabalhadores, pra movimentar o sisal, pra vocês procurarem um salário melhor, ou condição de trabalho melhor, mais seguras?

MIGUEL: Na verdade isso fica até um pouco complicado, e difícil de acontecer.

SAMILA: Por quê?

MIGUEL: Acho que por conta de recurso, né?

SAMILA: Mas que tipo de recurso? Financeiro?

MIGUEL: Isso.

SAMILA: Entendo, mas eu acho que...

MIGUEL: Eu acho que...

SAMILA: ... sim desculpa

MIGUEL: Quem teria condições de fazer isso seria os compradores, né?

SAMILA: Ah, os compradores de sisal?

MIGUEL: Isso. E acho que eles num... acho que não pensam muito nisso não.

SAMILA: Ah, entendi. É que os compradores de sisal fica com boa parte do lucro né, então eles não estão muito preocupados com as condições de trabalho que vocês enfrentam.

MIGUEL: É, na maioria das vezes, sim.

SAMILA: Miguel, tu sabe mais ou menos como funciona? Vocês produzem a fibra do sisal e aí vocês vendem essa fibra e ela vai pra onde? Esse dinheiro vai pra onde?

MIGUEL: Ó, tipo assim... a gente produz, aí passa pra eles, né... a fibra, aí a gente só sabe até aí, que o pessoal de Várzea Nova compra, mas de lá a gente não sabe pra quem eles vende, ou pra onde vai.

SAMILA: Entendi, mas é em relação a vocês criarem uma cooperativa de trabalhadores pra pensar nesses direitos de vocês... eu não acho que precisa de dinheiro pra isso, eu acho que precisa mais de sentar, vocês conversarem e entenderem o que podem fazer pra melhorar essas condições de trabalho, porque muita gente trabalha com sisal, é... aí eu perguntei pra tu se tu acha que houve alguma mudança, alguma melhoria não foi? Acho que eu perguntei isso pra você, se houve alguma melhoria em relação ao trabalho no sisal, você falou que não teve, talvez essa melhoria surja com vocês se organizando.

MIGUEL: Já teve até tipo uns boatos, comentários de que tava, o povo tava pensando em abrir essa cooperativa, sabe? Mas ficou só nisso mesmo, só no boato.

SAMILA: Então vocês podem se movimentar pra tentar criar uma cooperativa... eu não acho que a Polícia Federal vai resolver o problema de vocês, de tipo melhorar as condições de trabalho, entende?

MIGUEL: Entendi.

SAMILA: Você falou que houve tentativa, né... de organizar uma cooperativa. Tu lembra quando foi? Como foi que isso surgiu?

MIGUEL: Rapaz, esses comentário já tem algum tempo, mais num passa disso não, só boatos mesmo, conversas.

SAMILA: Você se sente representado por alguma entidade ou por algum grupo que defende os direitos dos trabalhadores? Ou isso não existe?

MIGUEL: Rapaz, acho que não, viu...

[pausa]

SAMILA: Tu acha que houve melhoria nas condições de trabalho no sisal nos últimos anos? Ou é a mesma coisa de antes?

MIGUEL: Assim, aqui a melhoria é só em relação ao preço, né? Que antes era bem, bem mais barato.

SAMILA: O preço do quilo da fibra, né... do sisal?

MIGUEL: Isso.

SAMILA: Miguel, teus pais trabalharam no sisal também?

MIGUEL: trabalhou.

SAMILA: Aí eles falam a mesma coisa? Que o trabalho era igual ao que você faz hoje?

MIGUEL: Hunhum.

SAMILA: Tu acha que qual o problema enfrentado por vocês trabalhadores do sisal, hoje em dia?

MIGUEL: Acho que conseguir o trabalho é um pouco pesado, não é leve. E, tipo... acho que a questão financeira.

SAMILA: Entendo. [pausa] Miguel, tu gostaria de compartilhar alguma experiência que tu teve no sisal, alguma coisa que você queira relatar sobre isso?

MIGUEL: Não, acho que não.

SAMILA: Certo. É... eu acho que é essa a entrevista... brigada, viu? Por ter aceitado. É, eu vou só escrever um relato sobre isso, eu não tenho nenhuma intenção de... tipo, prejudicar vocês trabalhadores. O tema é mesmo porque eu queria falar sobre isso, né... eu cresci vendo muitas pessoas trabalhando no sisal, minha mãe trabalhou também, e aí eu resolvi escrever sobre isso, na tentativa de ajudar vocês com alguma melhoria, sabe? De... tipo, escrever esse trabalho, alguma entidade ler e pensar sobre isso.

MIGUEL: Tá certo.

SAMILA: Brigada, viu?

MIGUEL: De nada.

SAMILA: Tchau.

MIGUEL: Tchau.

## **Entrevista 9**

**Entrevistada:** Joana

**Data:** 2 de agosto de 2025 às 09:02 horas.

**Idade:** 33 anos

**Gênero:** Feminino

**Anos de serviço:** 16 anos

**Atividade:** Exerce a função de cortadora, provedora.

**Local:** Residência da entrevistada

SAMILA: É um trabalho da faculdade, né... aí eu preciso fazer umas perguntas e aí eu sempre gravo a voz da pessoa para depois eu passar pro computador. Aí tu não tem problema em gravar tua voz não, né?

JOANA: Não

SAMILA: Se tu pudesse sentar perto de mim pra gravar tua voz é melhor. Como é teu nome?

JOANA: Joana

SAMILA: Quantos anos tu tem?

JOANA: 33.

SAMILA: Tu frequentou escola?

JOANA: Só até... a sétima série.

SAMILA: É... tu gostaria de ter estudado mais?

JOANA: Sim.

SAMILA: Sim? Por quê?

JOANA: Por que eu parei?

SAMILA: Não... por que tu gostaria de estudar mais? tu acha que...[fui interrompida].

JOANA: Pra ter um pouco mais de aprendizado que eu não cheguei a ter cem por cento, né...

SAMILA: Tu trabalha quanto tempo no sisal.

JOANA: Desde os... 17 anos.

SAMILA: Em algum momento tu já pensou em trabalhar com outra coisa?

JOANA: Já, mas oportunidade aqui é muito pouca.

SAMILA: Tu faz o que no sisal, qual a tua função lá?

JOANA: Corto palha e boto

SAMILA: Como é feita a divisão de trabalho no sisal? Homem e mulher podem fazer a mesma coisa?

JOANA: Pode, a mulher só não pode puxar, né... mas o homem pode fazer tudo, cortar, botar puxar, residar. Mas a mulher não faz o serviço do homem.

SAMILA: Que é mais pesado, né?

JOANA: Isso.

SAMILA: É... quantas horas trabalha na semana?

JOANA: Eu trabalho de seis até 11h... por causa da criança, né?

SAMILA: Aí não dá, né? Ela não pode ir para a creche ainda?

JOANA: Não. Ainda não tem idade certa.

SAMILA: Tu acha que o valor que tu ganha no sisal está suficiente para se manter?

JOANA: Não.

SAMILA: Tu acha pouco?

JOANA: Eu sozinha? Eu acho pouco.

SAMILA: Tu já sofreu algum acidente no sisal? Já se cortou?

JOANA: Já, mas não foi muito grave não, eu cortei o dedo. Também não foi nada grave, né...

SAMILA: Tu costuma usar algum equipamento de segurança pra não se machucar?

JOANA: Não, só a luva mesmo nas mão, sapato. Só.

SAMILA: Tu já teve algum problema de saúde relacionado ao sisal?

JOANA: Não

SAMILA: Não? Algum órgão do governo já veio fiscalizar as condições de trabalho aqui, no Icó?

JOANA: Já. Como é que chama?... a Federal.

SAMILA: O governo, a Justiça Federal veio aqui?

JOANA: Já, várias vezes.

SAMILA: Mas aí eles fecharam os motores de sisal?

JOANA: Parou um mês, mas depois continuou de novo.

SAMILA: Ah, mas eles falaram por que fechou?

JOANA: Porque não tem equipamento adequado para as pessoas trabalhar... que no caso eles quer que a pessoa trabalhe teno um lugar para ter um banheiro, água, luz, né? Wi-fi, carteira assinada também.

SAMILA: Mas aí os donos do motor não têm condições de fazer isso, né?

JOANA: Tem não.

SAMILA: Por que os donos do motor não é quem fica com dinheiro, é quem compra palha, né?

JOANA: É verdade. No caso, é o comprador.

SAMILA: Tu gostaria que o poder público fizesse mais alguma coisa para melhorar a vida de vocês que trabalham no sisal?

JOANA: É dando mais oportunidade de emprego, né... pra gente aqui, né... porque tem somente o sisal e tem de roça também, né... mais de roça, né... nunca fui trabalhar assim na roça, né... então, por enquanto, só no sisal.

SAMILA: Existe alguma organização sindical aqui no Icó?

JOANA: Nessa parte eu não sei te falar, né... nessa parte não sei... eu não sou bem informada

SAMILA: Tu sabe se já houve alguma tentativa de organização sindical aqui? Se o pessoal já se juntou para...(interrupção)

JOANA: Já.

SAMILA: Já? Mas aí não foi pra frente? Por quê? Tu sabe?

JOANA: Sei não

SAMILA: Tu se sente representada aqui por algum grupo de direitos trabalhistas... Não?

JOANA: Não tem ninguém a quem recorrer.

SAMILA: Tu trabalha no sisal desde os 17 anos. Tu acha que houve alguma melhoria?

JOANA: É, melhorou bastante.

SAMILA: Em que sentido?

JOANA: Sobre o preço do sisal, que antes era muito barato, aumentou um pouquinho. Um pouquinho.

SAMILA: As condições de trabalho continuam igual? É a mesma coisa que você fazia?

JOANA: É a mesma coisa, é.

SAMILA: Tu acha que qual é o maior problema que vocês, trabalhadores do sisal, enfrentam hoje em dia?

JOANA: É só um tempo da seca, né... porque quando chove tem sisal pra gente trabalhar, mas quando chega o verão, os motor para.

SAMILA: E aí vocês não têm outra coisa pra trabalhar?

JOANA: É, num tem.

SAMILA: Tu já pensou em ir embora do Icó em algum momento?

JOANA: Já

SAMILA: Por quê?

JOANA: Por conta de trabalho mesmo, que nem eu tô te falano... nesse tempo de seca, a gente fica parado. Não tem outro recurso.

SAMILA: Tá bom, essa é a entrevista. Obrigada, viu?

JOANA: De nada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os relatos das entrevistas realizadas com trabalhadores da região sisaleira do Povoado de Icó, município de Morro do Chapéu-Bahia, ressaltam a permanência de desigualdades estruturais que atravessam a região há décadas e evidenciam que, embora o sisal seja uma atividade comercial importante e fonte de renda para diversas famílias, desenvolve-se através de um cenário de precariedade de trabalho, onde acidentes graves acontecem, incluindo cortes profundos e amputações de membros, em decorrência de condições de insegurança no trabalho.

Alguns entrevistados mencionam que a Polícia Federal esteve nos campos de sisal para verificar denúncias relacionadas às condições de trabalho. Eles relatam que, após essa intervenção, alguns campos foram fechados, o que, segundo seus depoimentos, afetou a renda das famílias que dependiam dessa atividade. Esses relatos levantam dúvidas sobre a existência de informações claras por parte das instituições responsáveis, acerca de possíveis alternativas de apoio às famílias naquele período. Além disso, há pouca disponibilidade de dados oficiais sobre a produção de sisal que é realizada no Povoado de Icó, o que dificulta uma compreensão mais precisa da dinâmica econômica do local e a elaboração de projetos voltados ao seu desenvolvimento. Mesmo assim, os trabalhadores garantem que o sisal tem papel fundamental na geração de renda do povoado, o que ressalta a importância de discutir formas de organização coletiva e de criação de mecanismos capazes de garantir a execução de leis trabalhistas de maneira mais assertiva.

Este catálogo, que reúne entrevistas realizadas no período de julho a setembro de 2025, é uma forma de registrar relatos de experiência de trabalhadores e trabalhadoras da região e abre caminho para futuras pesquisas que possam aprofundar essas e outras questões. O futuro dessa atividade e das famílias que dela se sustentam dependerá da capacidade de transformar conhecimento em ação. O sisal permanece como parte da identidade local. Cabe agora discutir como transformá-lo em um espaço seguro e equilibrado para esses trabalhadores.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Cibele de Araújo. O ouro verde do sertão: a precarização do trabalho rural nos campos de sisal em Conceição do Coité–BA. *Revista de Direito do Trabalho, Processo do Trabalho e Direito da Seguridade Social*, v. 10, n. 2, 2023. Disponível em: <https://revista.laborjuris.com.br/laborjuris/article/view/165>. Acesso em: 25 abr. 2025.
- BAHIA. Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Atração de Investimentos (SECTI). Múltiplos usos do sisal são destaques em congresso internacional. Salvador, 2024. Disponível em: <https://www.ba.gov.br/secti/noticia/2024-05/2116/multiplos-usos-do-sisal-sao-destaques-em-congresso-internacional>. Acesso em: 16 nov. 2025.
- CHAVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe. *Questões para a história do presente*. Tradução: I. S. Cohen. Bauru: EDUSC, 1999.
- COSTA, Lucas Lima et al. *Painel particulado de baixa densidade produzido com resíduos de sisal*. *Ambiente Construído*, v. 24, p. e128066, 2024. Disponível em: [SciELO Brasil - Painel particulado de baixa densidade produzido com resíduos de sisal](https://doi.org/10.1590/1981-3181-2024-0001) [Painel particulado de baixa densidade produzido com resíduos de sisal](https://doi.org/10.1590/1981-3181-2024-0001). Acesso em: 02 dez. 2025.
- EMBRAPA. Agência de Informação Tecnológica. Dados estatísticos da produção de sisal. Disponível em: <https://share.google/VwEfIdEKt4qAaFpSv>. Acesso em: 14 nov. 2025.
- EMBRAPA. *Sisal – Agência Embrapa de Informação Tecnológica*. Brasília, DF: Embrapa, [s.d.]. Disponível em: <https://www.embrapa.br/agencia-de-informacao-tecnologica/cultivos/sisal>. Acesso em: 2 dez. 2025.
- EMBRAPA. Agência de Informação Tecnológica. Estatísticas de produção do sisal. Disponível em: <https://www.embrapa.br/agencia-de-informacao-tecnologica/cultivos/sisal/pre-producao/socioeconomia/estatisticas-de-producao>. Acesso em: 29 out. 2025.
- FERNANDES, Florestan. *Mudanças sociais no Brasil*. São Paulo: Global Editora e Distribuidora, 2015.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena. *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000.
- FOOD and Agriculture Organization of the United Nations (Fao). *Sisal fibre: market opportunities in the pulp and paper industry*. Roma: FAO, 2001. Disponível em: <https://www.fao.org/4/y1873e/y1873e09.htm>. Acesso em: 29 nov. 2025.
- GOVERNO do Estado da Bahia. Múltiplos usos do sisal são destaques em congresso internacional. SECTI, 2024. Disponível em: <https://www.ba.gov.br/secti/noticia/2024-05/2116/multiplos-usos-do-sisal-sao-destaques-em-congresso-internacional>. Acesso em: 16 nov. 2025.

IANNI, Octavio. *Escravidão e racismo*. São Paulo: Hucitec, 1978.

IBGE — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Produção de Sisal (fibra) na Bahia. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/producao-agropecuaria/sisal-fibra/ba>. Acesso em: 15 de nov. 2025.

LIMA, Cleidiane de Oliveira. “*Juntar pinto e gavião no meio do puleiro todo mundo sabe no que dá*”: transformações nos movimentos sociais rurais em Valente (1973–1993). 2022. 240 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2022.

MACEDO FILHO, Renato; REGINO, Fabiane Alves. *Movimentando as fibras do sertão: o trabalho feminino da região sisaleira – Valente/BA*. In: POLÍTICAS públicas y movimientos de mujeres en el cono sur desde la perspectiva de género. ST15, 2007.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2010.

MAPA de produção de sisal: valor da produção, quantidade produzida, área colhida, rendimento médio, maior produtor; Censo Agropecuário: estabelecimentos e número de pés. 2024. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/producao-agropecuaria/sisal-fibra/ba>. Acesso em: 14 nov. 2025.

MIRANDA, Mirian de Carvalho. *Os trabalhadores roceiros e as ressignificações do viver: costume, seca e sisal em Araci–Bahia (1953–1984)*. 2018. Dissertação (Mestrado Acadêmico em História) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2018.

OLIVEIRA, Adailton Morais de. Sisal: monografia. S.l.: s.n., s.d. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/100310496/Sisal-Monografia>. Acesso em: 13 nov. 2025.

PREFEITURA Municipal de Várzea Nova. Arraiá Fibra Forte reuniu milhares de pessoas em Várzea Nova. Várzea Nova, 29 jun. 2023. Disponível em: <https://www.varzeanova.ba.gov.br/site/Noticias/noticia-290620231922452099-Arrai-Fibra-Forte-reuniu-milhares-de-pessoas-em-V-rzea-Nova>. Acesso em: 15 de nov. 2025.

SANTOS, Edinusia M. C.; SILVA, Osvaldo A. da. Agentes sociais de produção do espaço rural no Território do Sisal – Bahia. *Revista Campo-Território*, Uberlândia, v. 5, n. 9, p. 71–88, fev. 2010.

SANTOS, Edinusia Moreira Carneiro; SILVA, Onildo Araujo da. *Sisal na Bahia-Brasil*. Mercator, Fortaleza, v. 16, e16029, 2017.

SANTOS, Robson de Andrade; BRANDÃO, Weliton Neves. *Sisal*. Brasília, DF: s.d. Disponível em: <https://www.embrapa.br/agencia-de-informacao-tecnologica/territorios/territorio-sisal/atividades-economicas/cultivos/sisal>. Acesso em: 12 abr. 2025.

SILVA, Odilon Reny R. F. da. [Fotografia retirada do site da Embrapa]. s.d. Fotografia. Disponível em: <https://www.embrapa.br/agencia-de-informacao-tecnologica/cultivos/sisal/producao/pos-colheita>. Acesso em: 15 nov. 2025.

TABELA derivada de arquivo .csv exportado do portal do IBGE referente ao mapa de produção de sisal. 2024–2025. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/producao-agropecuaria/sisal-fibra/ba>. Acesso em: 14 nov. 2025.

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

( ) Monografia (X) Artigo ( ) Dissertação ( ) Tese

Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação, autorizo a Universidade do Estado da Bahia – UNEB, a disponibilizar por meio do Repositório Institucional Saber Aberto, endereço eletrônico: <http://saberaberto.uneb.br/>, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o texto integral da obra supracitada, para fins de divulgação e de preservação digital da produção científica brasileira, a partir desta data.

**Identificação:**

Autor	Samila Barbosa da Silva
E:mail	samilabarbosa20@gmail.com
Título	catálogo de entre listas: História, Trabalho e Experiência na Região Sudoeste do Povoado de Coqueiros, Monte do Chapim - BA.
Orientador (a)	Tecina Ferreira dos Santos
Campus/Curso/ Programa	Unb campus IV, licenciatura em História
Data de defesa	16/12/2025

**LICENÇA DE DIREITO AUTORAL**

Na qualidade de titular dos direitos de autor do conteúdo supracitado, autorizo a Universidade do Estado da Bahia a disponibilizar a obra, gratuitamente, de acordo com a licença pública Creative Commons, Licença 4.0 Unported por mim declarada sob as seguintes condições:

Permitir uso comercial da obra? ( ) Sim (X) Não

Permitir modificações em sua obra?

( ) Sim

( ) Sim, contanto que outros compartilhem pela mesma licença

(X) Não

A obra continua protegida por direito autoral e/ou por outras leis aplicáveis. Qualquer uso da obra que não o autorizado sob esta licença ou pela legislação autoral é proibido.

Samila Barbosa da Silva  
Assinatura do Autor

26 / 03 / 2026  
Data de autorização.